



**IMIGRAÇÃO BÚLGARA PARA O
BRASIL COMO CONSEQUÊNCIA DO
REGIME COMUNISTA (1946-1991):
MEMÓRIA E TRAJETÓRIA DE
ZDRAVKO DAMIANOF**

*BULGARIAN IMMIGRATION TO
BRAZIL AS A CONSEQUENCE OF THE
COMMUNIST REGIME (1946-1991):
MEMORY AND THE TRAJECTORY OF
ZDRAVKO DAMIANOF*

IGOR LEME DAMIANOF

Acesse o memorial de Zdravko Damianof
através do QR Code abaixo.

*Access Zdravko Damianof's memorial
through the QR Code below.*



www.iscreative.com.br/zdravkodamianof

© 2026 Igor Leme Damianof

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem autorização prévia e por escrito do autor.

Coordenação editorial, edição, revisão, projeto gráfico e diagramação por Igor Leme Damianof.

Tradução para o inglês realizada com o auxílio de inteligência artificial.

Acervo fotográfico e documental: Família Damianof.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Damianof, Igor Leme

Imigração búlgara para o Brasil como consequência do regime comunista (1946-1991): memória e trajetória de Zdravko Damianof = Bulgarian immigration to Brazil as a consequence of communist regime (1946-1991): memory and trajectory of Zdravko Damianof / Igor Leme Damianof; tradução Igor Leme Damianof. -- 2. ed. -- São Paulo : Is Creative, 2026.

Edição bilíngue: português/inglês.
ISBN 978-65-979274-3-2

1. Bulgária - História. 2. Búlgaros - Brasil - Biografia 3. Damianof, Zdravko
4. Histórias de vida
5. Imigração búlgara - Brasil - História
6. Imigrantes búlgaros - Brasil - História
7. Narrativas pessoais I. Título.

26-339317.0

CDD-920.7

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Índices para catálogo sistemático:

1. Imigrantes búlgaros : Brasil : História 920.71

Segunda edição, junho de 2026, versão digital, kindle e atualizações na história de Zdravko. Publicado por Is Creative Edições, São Paulo, Brasil. Composição tipográfica em Suisse Int'l.

**IMIGRAÇÃO BÚLGARA PARA O
BRASIL COMO CONSEQUÊNCIA DO
REGIME COMUNISTA (1946-1991):
MEMÓRIA E TRAJETÓRIA DE
ZDRAVKO DAMIANOF**

**Esta pesquisa é uma homenagem póstuma à
Zdravko Damianof (1928-1987).**

IGOR LEME DAMIANOF

IS CREATIVE EDIÇÕES

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
INTRODUÇÃO	10
A IMIGRAÇÃO E SEUS ASPECTOS CARACTERIZADORES	13
O CONTEXTO SOCIAL E POLÍTICO DA BULGÁRIA	16
ZDRAVKO DAMIANOF: LEMBRANÇAS E MEMÓRIAS PERPETUADAS	18
ENTREVISTA I – PROCESSOS E EXPERIÊNCIAS DA IMIGRAÇÃO DE ZDRAVKO DAMIANOF	21
ENTREVISTA II – PROCESSOS E EXPERIÊNCIAS DA IMIGRAÇÃO DE ZDRAVKO DAMIANOF	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
AGRADECIMENTOS	31
BIBLIOGRAFIA	32
NOTAS	33
PARTE 1 – FOTOGRAFIAS RECEBIDAS DE FAMILIARES NA BULGÁRIA	37
PARTE 2 – FOTOGRAFIAS PRODUZIDAS NO BRASIL E DOCUMENTOS	47
PARTE 3 - ÁRVORE GENEALÓGICA	71
PARTE 4 - CARTA DE YORDAN DAMYANOV	75
VERSÃO EM INGLÊS / ENGLISH VERSION	83

APRESENTAÇÃO

Este livro tem como base a pesquisa desenvolvida pelo autor em 2017 para a elaboração de um artigo acadêmico, apresentado como trabalho de conclusão de curso em História pela Universidade de Santo Amaro (São Paulo, SP, Brasil). Quase dez anos depois, o texto original é retomado, revisto e editado, sendo publicado em fevereiro de 2026 em formato bilíngue (português e inglês). Este material preserva a estrutura e o rigor do estudo que lhe deu origem, mantendo a organização argumentativa e a metodologia desenvolvida sob a orientação de Fabiana Beltramim, doutora em História Social pela FFLCH-USP.

O estudo parte de um recorte individual e familiar. O objetivo não é generalizar a experiência migratória búlgara, mas contribuir para a sua compreensão historiográfica a partir de uma trajetória específica. Para fins de precisão histórica, cabe esclarecer que o regime comunista na Bulgária instalou-se por meio de um golpe em setembro de 1944, encerrando-se com a queda de Todor Jivkov e do Muro de Berlim em novembro de 1989. O período adotado no título deste livro (1946–1991) refere-se a marcos institucionais distintos: 1946 assinala a abolição oficial da monarquia e a instauração da República Popular da Bulgária, enquanto 1991 marca a promulgação da atual Constituição búlgara, consolidando a transição democrática e a nova ordem institucional do país.

Motivado pelo desejo de aperfeiçoar este material, dediquei-me, entre março e maio de 2026, ao desenvolvimento das frentes física e digital desta obra. Esse esforço culminou na criação de um site que centraliza a história de meu avô, reunindo relatórios desclassificados da CIA que confirmam sua fuga, além de referências a autores que estudam o período comunista e a história geral da Bulgária. Essa ampla gama de novos conteúdos e evidências documentais justificou a publicação desta segunda edição, novamente revista e ampliada, que busca não apenas registrar o passado, mas perpetuar uma memória que resistiu ao exílio.

Junho de 2026.

INTRODUÇÃO

O estudo do processo de imigração búlgara para o Brasil remete à conceituação do fenômeno migratório, bem como às características e aos estereótipos vinculados à imagem e às experiências do imigrante, tanto por parte da sociedade que o recebe quanto pelo próprio sujeito migrante³.

“E na medida em que os contatos do imigrante com a sociedade que o agrega a si se prolongam, se ampliam e se intensificam, ou seja, na medida em que o imigrante sai da esfera em que o restringem tradicionalmente o estatuto e a condição que lhe são atribuídos, na medida em que vai ganhando novos espaços [...], chegando a desmentir a definição dominante que se dá dele e da imigração, indo até o questionamento da representação que se tem dele e que ele tem de si mesmo [...]” (SAYAD, 1998, p. 14).

Sayad, em *A Imigração e os Paradoxos da Alteridade*, evidencia problemáticas fundamentais para o entendimento das ilusões⁴, experiências, memórias e especificidades relacionadas à imigração. Além disso, discute questões que definem os problemas sociais atribuídos como “os problemas da imigração”, cuja estrutura está diretamente ligada às relações de causa e de vantagem⁵ qualificadas por políticas migratórias, pelos próprios imigrantes e por suas singularidades.

A compreensão das peculiaridades dos imigrantes, bem como de seus pontos de convergência e de adaptação em relação ao contexto e ao ambiente em que se inserem, torna-se mais evidente a partir das reflexões de Zuleika Alvim em seu texto *Imigrantes: A vida privada dos pobres do campo*⁶.

Enxergar os pontos de estranheza e os laços formadores de vínculos entre povos de culturas distintas, mas unidos pela dificuldade e pela incerteza de habitar um espaço desconhecido, muitas vezes percebido como hostil e dotado de atributos profundamente diferentes daqueles aos quais

estavam anteriormente habituados, constitui elemento fundamental para a compreensão da imigração⁷.

“Mais do que tudo, [...] se concretizou nas novas atividades produtoras que os imigrantes foram obrigados a exercer para sobreviver, nos hábitos de morar, de cuidar da higiene pessoal, de se alimentar e ainda nas práticas religiosas, educacionais e sanitárias, tão diferentes daquelas do seu mundo natal. Entre uma italiana paupérrima que não via nenhum mal em liberar a cabeça de seus filhos e do marido dos piolhos na frente de todos os passageiros do navio que os transportava para o Novo Mundo e um grupo de japoneses, tão habituados ao banho diário, que não hesitaram em desnudar-se e jogar-se no rio Iguape, em Registro, para se banhar na frente dos moradores da cidade, séculos de hábitos, educação e cultura estavam em jogo.” (Alvim, 1998, p. 216 e 217).

O protagonismo relacionado à figura do imigrante no processo de desenvolvimento do Brasil⁸ é retratado por Plínio Salgado em sua obra *O Estrangeiro*. Trata-se de um romance brasileiro que possibilita a compreensão das experiências do imigrante em um período considerado peculiar da história nacional, especialmente em meados da década de 1920⁹.

“Heterogênea, como o Brasil, é, entretanto, uma expressão linear, um conjunto de desenhos nítidos de raças definidas. Mas, aqui, o país é uma túnica de cigano sarapintada de borões e manchas. Sobre o esboço malgrado dos primeiros mestiçamentos, desenham-se contornos instáveis de imagens efêmeras. Tudo é indistinto e mutável.” (Salgado, 1936, p. 49).

Os processos de representação não devem ser analisados exclusivamente sob a perspectiva textual, mas também por meio de fotografias, exposições artísticas, museus e fontes orais. Nesse sentido, o diálogo com as obras *Retratos de Família, Ter e Manter: Uma história íntima de colecionadores e suas coleções* e *Usos & Abusos da História Oral*, respectivamente de Miriam Moreira Leite, Philipp Blom e Pierre Bourdieu, mostrou-se fundamental.

Esses trabalhos trazem à tona questões relacionadas ao tratamento de acervos imagéticos e orais, bem como às complexas relações entre memória, identidade e narrativa. A mobilização dessas referências teóricas permite compreender de que maneira as lembranças do imigrante e sua experiência migratória podem ser preservadas, reinterpretadas e transmitidas ao longo do tempo.

Além disso, tais aportes possibilitam analisar as idas e vindas, os anseios, desejos, realizações e conquistas que marcaram a trajetória migratória, evidenciando tanto os avanços quanto as tensões e retrocessos inerentes ao processo de imigração.

Em *Tudo que é sólido desmancha no ar*, Marshall Berman apresenta, conceitua e problematiza a modernidade, suas questões e concepções. “Ela¹⁰ mostra também que as pessoas podem ser modernistas mesmo nunca tendo ouvido a palavra ‘modernismo’ em suas vidas” (Berman, 2010, p. 19).

Compreender os processos que nortearam o contexto social, cultural e econômico da Bulgária em um período marcado pelas ações do regime comunista torna-se possível por meio das obras *Bulgária Contemporânea*, *Bulgária: presente, passado e futuro* e *Ascensão e queda do comunismo*, de autoria, respectivamente, de Todor Jivkov, Wilfred Burchett e Archie Brown.

Historicamente, a Bulgária constituiu-se como um Estado que buscou priorizar a soberania de seus interesses e manter laços históricos, culturais e econômicos com países vizinhos, sobretudo aqueles que integravam a esfera de influência da União Soviética e de seus aliados¹¹. Compreender os aspectos que orientaram o regime comunista e de que maneira ele interferiu no contexto político e social da população búlgara a partir de 1946, avançando até o processo que culminou na queda do comunismo (1990), não apenas no país, mas em grande parte da Europa, permite perceber que a configuração do governo búlgaro não se definiu exclusivamente pela ideologia comunista em si, mas também pelas formas

como seus princípios foram implementados, apropriados e disseminados no interior da sociedade¹².

A partir de uma perspectiva crítica, esta pesquisa mobiliza entrevistas, fotografias e documentos preservados e disponibilizados pela família Damianof, referentes à trajetória de vida de Zdravko Damianof¹³.

A IMIGRAÇÃO E SEUS ASPECTOS CARACTERIZADORES

Analisar o imigrante na sociedade de imigração¹⁴, contrapondo as formas pelas quais ele se relaciona, é acolhido e se percebe no interior desse espaço, permite compreender a condição singular que ocupa na estrutura social. Tal perspectiva evidencia que:

“[...] o imigrante é atópos, sem lugar, deslocado, inclassificável. Aproximação essa que não está aqui para enobrecer, pela virtude da referência. Nem cidadão nem estrangeiro, nem totalmente do lado do Mesmo, nem totalmente do lado do Outro, o ‘imigrante’ situa-se nesse lugar ‘bastardo’ de que Platão também fala, a fronteira entre o ser e o não ser social.” (SAYAD, 1998, p. 11).

Observa-se, assim, que o imigrante tende a não possuir uma identidade fixa e plenamente estabelecida no local que o acolhe. Suas lembranças e experiências, elementos constitutivos de sua identidade na terra de origem, passam a ser condicionadas pelos moldes culturais, sociais e econômicos impostos pela sociedade receptora.

A preservação de sua memória manifesta-se por meio da criação de escolas comunitárias, do uso do idioma nativo, das relações linguísticas, da difusão de práticas culturais e da constituição de espaços museológicos, como o Museu da Imigração do Estado de São Paulo. Tais estratégias de manutenção identitária podem ser associadas aos laços de

aproximação construídos com a sociedade que o acolheu.

“Em seguida, temos, mais abundantes e mais diversificados, os estudos dedicados às condições de existência na imigração (condições de vida e condições de trabalho principalmente), ou seja, grosso modo, o estudo dos diferentes problemas sociais que foram constituídos como ‘os problemas da imigração’. E na medida em que os contatos do imigrante com a sociedade que o agrega a si se prolongam, se ampliam e se intensificam, ou seja, na medida em que o imigrante sai da esfera em que o restringem tradicionalmente o estatuto e a condição que lhe são atribuídos, na medida em que vai ganhando novos espaços (alguns deles inéditos, como o espaço político), chegando a desmentir a definição dominante que se dá dele e da imigração, indo até o questionamento da representação que se tem dele e que ele tem de si mesmo, o tratamento social e o tratamento científico, sendo que este encontra-se com frequência na dependência daquele, reservados ao imigrante e, mais amplamente, a todo o fenômeno da imigração, ganham em extensão e em compreensão.” (SAYAD, 1998, p. 14).

A provisoriedade constitui outra condição à qual o imigrante está sujeito. Para ele, sua permanência em determinado local, que não corresponde à sua terra natal, é compreendida como temporária. De modo semelhante, para a sociedade de acolhimento, o estrangeiro poderá, em algum momento, deixar de ser necessário e, conseqüentemente, partir.

“Da mesma forma como se impõe a todos, aos imigrantes, é claro, mas também à sociedade que os recebe, bem como à sociedade da qual provêm, essa contradição fundamental, que parece ser constitutiva da própria condição do imigrante, impõe a todos a manutenção da ilusão coletiva de um estado que não é nem provisório nem permanente [...]” (SAYAD, 1998, p. 46)¹⁵.

Nesse contexto, é possível identificar diversos aspectos que orientam a condição do imigrante, fundamentados nas

chamadas ilusões fundadoras: “as ilusões que lhes são comuns procedem, grosso modo, das mesmas categorias de pensamento que também são categorias sociais, econômicas, culturais, políticas e etc., e, por fim, do Estado [...]” (SAYAD, 1998, p. 18). Segundo Sayad, a presença do imigrante é, por definição, provisória, seja para trabalhar, estudar ou apenas transitar. Em algum momento, esse indivíduo, por diferentes motivos, poderá partir. A tolerância à presença do estrangeiro relaciona-se, em grande medida, à compreensão de que ele contribuirá econômica e socialmente por meio do trabalho. Desse modo, constitui-se uma comunidade frequentemente despolitizada, cuja presença é aceita sob a expectativa de neutralidade política.

“À medida que a imigração se distancia da definição ortodoxa e da representação ‘ideal’ que dela se dá a ponto de desmentir ambas no que elas têm de mais essencial, descobrem-se os paradoxos [...] que as constituem e desvendam-se as ilusões que são a própria condição do advento e da perpetuação aqui da imigração, e lá, da emigração. Estas ilusões só produzem o efeito que conhecemos porque são coletivamente mantidas; elas são, por uma espécie de cumplicidade objetiva [...], compartilhada pelos três parceiros que são a sociedade de emigração, a sociedade de imigração e os próprios emigrantes/imigrantes [...]” (SAYAD, 1998, p. 18)¹⁶.

Ao se colocar em uma balança simbólica, na qual vantagens e custos se contrapõem, o imigrante passa a viver em uma linha tênue entre a condição de estadia provisória e a ilusão coletiva do trabalho. A primeira remete à sua situação instável e à possibilidade constante de mudança das circunstâncias; a segunda fundamenta-se no fator que legitima sua presença na sociedade de acolhimento, tornando a produtividade um elemento central para sua permanência.

O CONTEXTO SOCIAL E POLÍTICO DA BULGÁRIA

A Bulgária, popularmente conhecida como o “país das rosas”¹⁷, desde seus primórdios, quando seu território se estendia das cordilheiras balcânicas aos vales da antiga Trácia, manteve estreitos laços históricos, culturais e econômicos com Rússia, Grécia, Turquia, Macedônia, Sérvia, Romênia, Moldávia e a extinta Iugoslávia. Tais relações regionais contribuíram, ao longo dos séculos, para interferir, impulsionar ou mesmo limitar os processos de expansão e consolidação do Estado búlgaro.

O território que atualmente corresponde à Bulgária integrou, em diferentes momentos históricos, o império de Alexandre, o Grande, e posteriormente o Império Romano. Com o passar do tempo, grupos eslavos migraram e estabeleceram-se na região, contribuindo para a formação étnica e cultural do território. O Estado búlgaro, reconhecido historicamente como Império Búlgaro, constituiu-se no ano de 681¹⁸, consolidando-se como uma entidade política organizada.

Durante o reinado de Bóris I, no século IX, a conversão oficial ao cristianismo e a adoção do alfabeto cirílico representaram marcos fundamentais para a consolidação da identidade cultural e religiosa búlgara¹⁹, estabelecendo bases duradouras para a formação do Estado e de sua tradição literária e espiritual.

“É notável que consideremos o ano de 681 como o marco inicial do Estado búlgaro, momento em que o khan Asparukh assinou com Bizâncio não um tratado qualquer, mas precisamente um tratado de paz. Toda a nossa política externa ao longo dos 37 anos de socialismo constitui um esforço contínuo de superação dos perigos da guerra e de fortalecimento da paz. Não apenas nos Bálcãs, onde se concentram nossos interesses diretos, mas também em outras regiões, em encontros e conversações entre representantes de Estados e territórios mais distantes” (JIVKOV, 1987, p. 22)²⁰.

Desde sua formação, no século VII, o Estado búlgaro manteve-se em constantes conflitos com os impérios Bizantino e Otomano, buscando assegurar sua existência e autonomia²¹. Durante aproximadamente cinco séculos, permaneceu sob domínio turco-otomano, recuperando-se apenas em meados de 1876, com o auxílio do Império Russo. Nesse período, constituiu-se a chamada Grande Bulgária e estabeleceu-se um principado autônomo, cujo governante receberia o título de czar²².

Participante da Liga Balcânica (1912), bem como da Primeira (1914–1918) e da Segunda Guerra Mundial (1939–1945), a Bulgária, ao longo desses conflitos, buscou priorizar a soberania de seus interesses nacionais. Após a Segunda Guerra Mundial, em 1946, o país foi declarado República Popular da Bulgária, passando a sofrer interferência direta da União Soviética em diversos âmbitos sociais, políticos e culturais²³.

É relevante destacar que o principado estabelecido na Bulgária sofreu diversas represálias por ser considerado uma monarquia de caráter fascista. Articulações conduzidas, sobretudo, pelo Partido Comunista Búlgaro possibilitaram a organização de uma insurreição antifascista em 1923, processo que culminaria na vitória da revolução socialista em 1944 e na instauração do regime comunista em 1946²⁴.

Todor Jivkov, em sua obra *Bulgária Contemporânea*, registra as argumentações mobilizadas por ele, por seus companheiros e pelo Partido Comunista ao longo da difusão de suas ideologias no país. Não se tratava apenas da propagação da teoria comunista, mas de sua implementação efetiva em todos os âmbitos da sociedade. Segundo o autor, por volta de 1987 o país acumulava décadas de experimentação do socialismo real (JIVKOV, 1987, p. 25).

As medidas adotadas com o objetivo de garantir a estabilidade da sociedade búlgara fundamentavam-se no desenvolvimento humano, na destinação de parte da renda nacional para

investimentos e modernização, na comercialização da produção agrícola, na implementação de tecnologias e na garantia de energia e matérias-primas (BURCHETT, 1985, p. 16). Cerca de 75% das operações de comércio exterior eram compostas pela exportação de produtos adquiridos pelos países integrantes do COMECON.

É instigante observar que, tanto em Todor Jivkov quanto em Wilfred Burchett, o posicionamento predominante apresenta uma leitura positiva dos aspectos políticos, sociais e econômicos do regime. Em contrapartida, as experiências e motivações que levaram diversos búlgaros a deixar o país não são abordadas de maneira crítica em suas obras. Perseguições políticas, dificuldades econômicas e limitações impostas pelo modelo de governo constituíram fatores determinantes para a saída de parte da população.

Em entrevista concedida pelo filho do imigrante búlgaro Zdravko Damianof, Carlos Damianof esclarece:

“Tudo o que acontecia, durante o período, estava voltado à influência do regime comunista. A situação econômica do país não era favorável, em razão dos reflexos das políticas públicas adotadas. De certo modo, algo semelhante ao que ocorre com a Venezuela nos dias de hoje: há um governo que determina o caminho a ser seguido, parte da população concorda, parte discorda. Para evitar mortes, guerras e conflitos, muitos optaram por deixar o país e buscar outras possibilidades de vida” (DAMIANOF, Carlos. 2017, entrevista via aplicativo).

ZDRAVKO DAMIANOF: LEMBRANÇAS E MEMÓRIAS PERPETUADAS

As experiências vividas e os afetos compartilhados são, talvez, os elos mais resistentes que mantêm o imigrante vinculado à sua terra natal. Para quem partiu, a memória não é um dado estático, mas algo que se reconstrói diariamente através

de cartas, fotografias e documentos. Esses fragmentos deixam de ser meros papéis para se tornarem os pilares da identidade. No caso de Zdravko Damianof, nascido Zdravko Kostadinov Damyanov (Здравко Костадинов Дамянов) em 6 de setembro de 1928, na região de Plovdiv, esse processo de preservação foi marcado por uma ruptura política violenta: sua fuga da Bulgária, em 1951, não foi uma escolha simples, mas um salto desesperado pela sobrevivência que transformou a vida de toda a sua família em um campo de resistência.

A deserção de Zdravko, em maio de 1951, foi o desfecho inevitável de um cotidiano asfixiado pela vigilância e pelo trabalho forçado. Convocado ao exército búlgaro, ele foi incluído na classe militar dos *Trudovaks* (a categoria mais severa, destinada aos opositores do regime comunista). Ali, enfrentava a dureza da construção de infraestruturas estratégicas, como o aeródromo de Bezmer, sob um regime de disciplina absoluta. Foi nesse cenário de opressão que ele, Spas Raikin e Stefan Peltekov articularam a evasão. Sob o risco constante da traição, o grupo sobreviveu semanas escondido nas montanhas de Plovdiv, unindo-se brevemente aos *Goryani* (a resistência armada que habitava as florestas). A chegada à fronteira grega, em junho, trouxe a liberdade, mas o preço foi cobrado de quem ficou: relatos da família narram o cerco à casa em Plovdiv e a morte brutal de seus avós, espancados pelas autoridades como represália direta ao seu “crime” de buscar o mundo livre.

Nas palavras de Yordan Damyanov (a carta está colocada integralmente entre as páginas 73 e 79), Zdravko era lembrado como um jovem de vigor notável, “muito forte e bonito”. Yordan descreve um irmão de espírito inquieto, que escrevia e recitava poemas (com críticas ao comunismo) mesmo sob a constante vigilância do regime. O relato é cru ao detalhar a violência sofrida por Zdravko antes da fuga: preso e espancado diversas vezes, ele retornava para casa com o corpo “preto e azul”, sendo cuidado pela família com peles frescas para aliviar os hematomas. Para os que ficaram, Zdravko tornou-se uma ausência onipresente, uma figura que habitava as canções e

lendas locais, mas cuja partida selou o destino de perseguição dos irmãos e da mãe, Stoyana, que morreu precocemente consumida pela angústia da separação.

Após a fuga, Zdravko passou pela Itália antes de finalmente cruzar o Atlântico. Relatos de família indicam que, nesse período, um italiano o indicou a Giuseppe Franco, empresário e proprietário da Vigorelli no Brasil (marca que se tornou famosa pelas suas clássicas máquinas de costura). Assim, ao desembarcar em solo brasileiro, Zdravko já trazia consigo um encaminhamento profissional, sendo contratado para trabalhar na fábrica da Vigorelli em Jundiaí. Foi nessa cidade que sua vida tomou novos rumos ao conhecer Romilda, com quem se casou em 5 de maio de 1956. A família criou mais raízes com o nascimento dos filhos Luis, em 18 de outubro de 1957, e Carlos, em 21 de agosto de 1961. Na década de 1960, mudaram-se para a capital paulista, onde Zdravko passou a trabalhar no comércio, inaugurando seu próprio empório e consolidando, definitivamente, sua trajetória em solo brasileiro.

Ao registrar-se no novo país, seu nome foi abrigado para Zdravko Damianof. Ele desembarcou em um Brasil que vivia o efervescente segundo governo de Getúlio Vargas, um período de transição que precederia crises políticas, culminando anos depois no regime militar. Além do desafio de dominar um idioma completamente diferente de sua língua materna, ele sabia que, como refugiado político, cada rastro documental poderia ser usado contra os parentes que ainda viviam na Bulgária. Essa cautela, nascida do medo e do zelo, explica o silêncio documental de décadas e a escassez de correspondências preservadas. Zdravko viveu em São Paulo até 21 de junho de 1987, quando faleceu em decorrência de um infarto fulminante.

Se hoje a reconstrução de sua trajetória encontra lacunas, é porque o silêncio foi, por muito tempo, a única forma de proteção possível. Nesse contexto, as fotografias assumem um papel quase solene. Elas são os testamentos visuais de uma saudade que o silêncio não conseguiu apagar.

Nas páginas seguintes, entre 35 e 43, apresentamos essas imagens e as mensagens manuscritas em seus versos. São mais do que registros fotográficos, são provas de que as relações humanas podem sobreviver à escuridão do exílio. Nas entrevistas que sucedem esta seção, a história de Zdravko é narrada por seus dois filhos: Luis e Carlos.

ENTREVISTA I – PROCESSOS E EXPERIÊNCIAS DA IMIGRAÇÃO DE ZDRAVKO DAMIANOF

Entrevistado: Luis de Campos Damianof
Idade à época da entrevista: 60 anos (nascido em 18/10/1957)
Data da entrevista: 05 de novembro de 2017
Local: São Paulo/SP
Tipo de registro: Depoimento oral transcrito

1. Qual a história contada por Zdravko Damianof sobre o período em que viveu na Bulgária?

O povo búlgaro era sufocado pelo regime soviético. O búlgaro não podia escolher o que queria ser na vida, não tinha liberdade de expressão. Suas posses, casas e carros pertenciam ao governo, eram realmente escravos do sistema. Meu pai veio para cá porque era contra o regime comunista, seu lema era igualdade, fraternidade e liberdade.

2. Quando ele chegou no Brasil?

Ele chegou no Brasil em meados de novembro de 1950.

3. Por quais países ele passou antes de chegar no Brasil? Comente sobre os relatos da viagem.

Quando fugiram da Bulgária, passaram mais ou menos uns 30, 45 dias no meio da mata, para atravessarem a fronteira sul com a Grécia. Depois foram para Itália, chegando lá se dividiram. Entorno de uns 8 ou 10 foram para os Estados

Unidos e o restante veio para o Brasil.

4. Ao chegar no Brasil, como foi sua trajetória?

Chegaram da Itália e desembarcaram na Ilha das Flores no Rio de Janeiro. Lá meu pai conheceu um italiano que tinha contato com o dono da fábrica de costuras Vigorelli. Esse amigo o convidou para trabalhar e conhecer o industrial, Senhor Franco, que morava em Jundiaí, SP. Juntos eles foram para Jundiaí, trabalhar nessa fábrica e lá ele conheceu minha mãe, com quem casou e teve dois filhos!

5. Quais atividades exercia? Como era seu convívio no bairro?

Chegando na Vigorelli, o amigo italiano apresentou meu pai para o dono da empresa. Ele foi contratado e aprendeu a exercer a função de mecânico, na qual ficou por 10 anos.

6. Zdravko era religioso? Trouxe alguma crença consigo da Bulgária?

Ele conheceu um senhor judeu, membro da maçonaria, o qual apresentou e indicou meu pai para organização. Quando veio da Bulgária, era católico ortodoxo.

7. Em algum momento ele falou sobre voltar para Bulgária? Tinha vontade de voltar?

Ele tinha vontade de voltar para Bulgária, pois lá deixou toda sua família, mas não enquanto estivesse em vigor o regime comunista. Quando ele chegou no Brasil, não enviava cartas para sua família pois tinha medo de represálias.

8. Algum dos amigos do grupo reencontrou seu pai? Eles mantinham contato?

Quando meu pai veio para São Paulo, alguns amigos que vieram para o Brasil, acabaram se mudando para cidade

também. Como por exemplo, o senhor Nikola, que ficou na região do Brás.

9. Como você, filho de imigrante, vê a figura do seu pai?

Vejo a figura do meu pai, como um herói que lutou pelos seus ideais, homem íntegro, honesto e trabalhador. Sempre fazendo o que podia para dar o melhor para sua família. E por ser filho dele, como o imigrante que foi, nunca me gerou nenhum problema!

10. Considera as políticas de imigração brasileiras relevantes ou suficientes para atender às necessidades atuais de um imigrante no Brasil?

Tempos atrás sim, as condições do Brasil eram melhores. Por que o Brasil é um país que está de portas abertas para todo mundo! Mas hoje, a situação está bem difícil aqui neste país, onde os governantes só pensam em corrupção. Se está ruim para nós, imagina para o imigrante.

11. Há algo a mais que gostaria de acrescentar ou comentar sobre seu pai?

Meu pai, foi um grande homem. Íntegro! Deixou vários exemplos para os filhos e para toda a família. Que Deus o tenha!

ENTREVISTA II – PROCESSOS E EXPERIÊNCIAS DA IMIGRAÇÃO DE ZDRAVKO DAMIANOF

Nome do entrevistado: Carlos de Campos Damianof
Idade: 56 anos (21/08/1961)
Data da entrevista: 05/11/2017
Local: Jundiaí/SP
Tipo de registro: Depoimento oral transcrito

1. Qual a história contada por Zdravko Damianof sobre o período em que viveu na Bulgária?

Pelo que eu posso me lembrar, ele era um homem formado, estava completando sua segunda graduação. Juntamente com uma grande parte da população da Bulgária na época, era contra o Regime Comunista implantado na nação durante o período (1946-1991).

Isso levou parte da população a organizar uma rebelião e acabasse fugindo do país por não estar de acordo com o sistema comunista que estava agindo na época, lá (na Bulgária).

Tudo que acontecia, durante o período, era voltado para influência do Regime Comunista. A situação econômica do país não estava boa, pelos reflexos das políticas públicas adotadas pelo comunismo no país. Mais ou menos o que acontece com a Venezuela, nos dias de hoje. Tem um ditador lá, falando que a nação deve andar por “aquele caminho”, grande parte da população não concorda e tem outros que concordam. Para evitar a morte, guerras e conflitos, muitos fugiram dessas circunstâncias.

2. Quando ele chegou no Brasil?

Ele chegou no Brasil em meados de 1950. Um fato pitoresco sobre essa vinda, é que ele deveria ir para os Estados Unidos, mas o dono da Vigorelli, que é uma empresa de máquinas de costuras operada em Jundiaí/SP, onde fica atualmente o Jundiaí Shopping, não permitiu que ele embarcasse. O dono da empresa era um italiano, o Senhor Franco.

3. Por quais países ele passou antes de chegar no Brasil? Comente sobre os relatos da viagem.

Então, segundo o que ele relatava saiu da Bulgária, fugindo do comunismo, com momentos terríveis onde quase foram pegos (ele e o grupo dele), quando ainda estavam dentro do território

búlgaro. Mas conseguiram fugir e despistar! De lá, eles foram para Grécia, que é o país mais próximo da fronteira. E da Grécia o grupo se dirigiu para Itália. Depois o grupo optou em vir para o Brasil, desembarcando no Rio de Janeiro.

Quantos fugiram?! Deve ter sido um grupo grande! Meu pai nunca falou um número certo não. Talvez aí 50, 60 ou 100 pessoas e provavelmente antes, depois e separados deles houve outros grupos de refugiados búlgaros que fizeram o mesmo trajeto.

O pessoal que veio para o Brasil, ele até manteve contato com alguns deles. Eu era pequeno, não me lembro muito bem! Conheci um ou dois, que fugiram antes ou depois deles e acabaram tomando o Brasil como destino, também.

Provavelmente foi um número bem razoável, não vai fugir duas pessoas. Isso aí é um reflexo para toda a nação. Muita gente discordava do comunismo! Como ele estava servindo o exército na época, houve essa oportunidade e aí combinaram entre eles e acabaram fazendo essa viagem de fuga.

Me lembro também, Igor, que houve alguns do grupo dele que vieram para o Brasil e daqui foram para Argentina. Eles mantinham contato através de cartas ou algo do tipo!

Ele ficou um bom tempo, inclusive, sem manter contato com sua família na Bulgária, porque tinha medo que as autoridades búlgaras, na época, pudessem pegar essas informações e fazer com que a família dele sofresse algum atentado político.

4. Ao chegar no Brasil, como foi sua trajetória?

Chegando no Brasil ele foi trazido aqui para Jundiaí. Eu acredito que tinha algum contato de algum amigo dos grupos que vieram antes dele.

Ele já veio direto para Jundiaí, para conhecer e trabalhar diretamente com o dono da Vigorelli, o Franco. Depois de um

tempo ele recebeu uma proposta para ir aos Estados Unidos, mas acabou desistindo.

Foi transferido para São Paulo depois de uns 10 ou 12 anos. Mas antes disso ele conheceu minha mãe aqui (em Jundiaí, SP), na própria Vigorelli. Vieram a casar. Logo depois do casamento veio sua transferência para São Paulo, em uma unidade da indústria para gerenciar um cargo, que era lá na Vila Olímpia (bairro de São Paulo, SP). Depois de um certo tempo, uns 6 ou 7 anos, resolveu montar um comércio próprio. Comprou um terreno, construiu a casa, continuando a trabalhar na Vigorelli, depois abriu a mercearia dele e tocou a vida!

5. Quais atividades exercia? Como era seu convívio no bairro?

As atividades que ele exercia como comerciante eram fazer o atendimento ao público, era o dono do negócio. Com o pessoal da região ele era muito conhecido, pois a mercearia foi um dos primeiros comércios do bairro, segundo ele falava, a região era cheia de chácaras. Ele ficou quase 19-20 anos trabalhando no próprio comércio.

6. Zdravko era religioso? Trouxe alguma crença consigo da Bulgária?

Com relação à religiosidade, ele era católico ortodoxo. Não era praticante, mas acreditava em Deus. Com relação à maçonaria, ao longo do tempo ele conviveu com pessoas e através desse convívio conheceu políticos, empresários e outras pessoas influentes, que acabaram o convidando para fazer parte dessa organização. Ele frequentou por muito tempo a Loja América da Liberdade, mas depois de algum tempo acabou deixando de ir às seções pois se sentia cansado.

7. Em algum momento ele falou sobre voltar para Bulgária? Tinha vontade de voltar?

Ele comentou que entrou em contato com a família dele depois de alguns anos que ele estava aqui. Tanto é que recebeu a informação de que a mãe dele havia morrido (entre os anos 60 e 70). Eu me lembro que ele ficou muito triste quando chegou essa informação! Ele entrava em contato através de cartas, pois com o tempo foi perdendo o receio das pessoas descobrirem que ele era um refugiado político.

Lembro do meu pai dizer brincando, antes do comunismo cair: “Se um dia o comunismo acabar na Bulgária, eu volto para o meu país!”. Mas ele não teve essa oportunidade!

8. Algum dos amigos do grupo reencontraram seu pai? Eles mantinham contato?

Então, entraram em contato sim. Eu lembro que ele recebia visitas deles em casa, uns 2 ou 3 búlgaros que a cada 2 ou 3 meses vinham ver meu pai. Eu acredito que eram do grupo que fugiu com ele!

Me lembro de um amigo muito próximo do meu pai, inclusive um homem de muito respeito, porém ele não era búlgaro, era judeu. Meu pai o conheceu aqui no Brasil, não sei como, talvez através da maçonaria. Ele era o Senhor Abraão, casado com a Dona Rosa, pessoas muito respeitadas, de bem e cultas. Pelo menos uma vez a cada 1 ou 2 meses o casal vinha visitar meu pai e minha mãe. Eles moravam no centro de São Paulo e eram franco-judeus. Com o tempo ele acabou falecendo e meu pai ficou muito triste. Manteve contato com a esposa, Dona Rosa.

9. Como você, filho de imigrante, vê a figura do seu pai?

Olha, como filho eu nunca separei ou fiz alguma situação que ficasse pensando: “eu sou filho de imigrante”. Não! Meu pai para mim era um imigrante europeu que veio para o Brasil da Bulgária. Nunca tiveram por mim nenhum preconceito por eu ser filho de imigrante. Muito pelo contrário, sempre me respeitaram na época de escola, ginásio e colégio. Até no trabalho! Quando me perguntavam, eu dizia: “meu pai é

europeu, veio para o Brasil como refugiado por ser contrário ao regime comunista no país dele”.

10. Considera as políticas de imigração brasileiras relevantes ou suficientes para atender às necessidades atuais de um imigrante no Brasil?

Olha Igor, essa minha consideração política sobre imigração que você me perguntou faz parte da nossa constituição. Agora, nós não temos estrutura atualmente para atender imigrante político ou refugiado atualmente, basta ver o que está acontecendo lá na região de Roraima e Boa Vista. Os venezuelanos acabaram entrando em nosso país e hoje estão pedindo asilo político por terem entrado ilegalmente e estarem trabalhando como “flanelinhas”. A política brasileira, bem ou mal, teve que acolher esse pessoal pois somos muito pacíficos aqui no Brasil. Basta ver o contraste com a Síria na Europa: antes da pessoa pisar no país, já atiravam ou impediam. Aqui no Brasil não, nós somos um país pacífico. Se já falta emprego para o brasileiro, como é que você vai dar emprego em massa para o imigrante? Então é difícil! Eu não tenho nada contra. Eu acolho todos eles, converso com todos eles! Jundiá é uma região de muitos italianos. Temos vários empresários aqui que na época eram refugiados políticos e convivem muito bem com o povo brasileiro. Eu particularmente não tenho nada contra, desde que sejamos realmente unidos!

11. Tem algo a mais que gostaria de acrescentar ou comentar sobre seu pai?

Para finalizar, eu sou muito orgulhoso de ter sido filho de um estrangeiro vindo ao país, onde ele construiu a família dele e implantou o seu próprio negócio. Negócio que sustentou a família e deu estudos para os filhos! Eu devo muito ao meu pai. Ele sempre batalhou pela família. Uma pena que ele morreu jovem, com 59 ou 60 anos. Gostaria muito que ele estivesse entre nós ainda. Ele iria contar muitas histórias para todos nós, mesmo que fossem repetidas. Eu sou muito orgulhoso de ter sido filho do Zdravko Damianof, isso é muito edificante para mim!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intensificação da imigração búlgara para o Brasil ocorreu, sobretudo, durante o período de vigência do Regime Comunista na Bulgária. Nesse contexto, países latino-americanos, bem como a Grécia, a Itália e os Estados Unidos, tornaram-se destinos recorrentes para imigrantes oriundos do bloco soviético, atraídos pela expansão industrial, pelas oportunidades de trabalho em diferentes setores e por políticas migratórias que, em determinados momentos históricos, facilitaram o acesso e a permanência de estrangeiros.

O imigrante búlgaro, assim como outros grupos migrantes, confrontou-se com os condicionantes sociais, econômicos e políticos impostos pela sociedade de acolhimento, frequentemente estruturada a partir de representações estereotipadas do estrangeiro. A exigência de produtividade, a inserção laboral como principal meio de legitimação social, a limitação de direitos políticos e a experiência de viver em uma sociedade percebida, muitas vezes, como provisória, constituíram elementos centrais na trajetória desses sujeitos.

Tomando a experiência de Zdravko Damianof como eixo analítico, observa-se que as relações entre custos e benefícios da imigração manifestaram-se de maneira concreta ao longo de sua vida no Brasil. Inserido no setor industrial, constituiu família, estabeleceu residência, teve filhos, garantiu o sustento doméstico por meio do trabalho e, posteriormente, inaugurou seu próprio negócio. Sua trajetória ilustra o percurso de muitos imigrantes que, ao mesmo tempo em que buscavam estabilidade e ascensão social, mantinham vínculos simbólicos e afetivos com a terra de origem. Após seu falecimento, em 21 de junho de 1987, aos 59 anos, sua memória permaneceu preservada no âmbito familiar, reafirmando a centralidade das narrativas privadas na construção das memórias migratórias.

Cabe ressaltar que toda a análise desta pesquisa foi realizada

a partir de uma perspectiva brasileira em diálogo com o contexto internacional. As fontes referentes ao Regime Comunista na Bulgária são acessíveis por meio da Sociedade Búlgara Brasileira e de órgãos vinculados ao Ministério das Relações Exteriores (Consulado e Embaixada); contudo, encontram-se majoritariamente em língua búlgara, o que limitou, à época da realização da pesquisa (2017), o alcance e a profundidade das investigações possíveis. Naquele momento, ainda não estavam amplamente disponíveis ferramentas tecnológicas de tradução automatizada capazes de auxiliar na conversão e interpretação de materiais em língua búlgara para o português com maior precisão.

Em 2026, entretanto, com o avanço de ferramentas de tradução assistida por inteligência artificial, essa limitação pode ser significativamente superada. A incorporação dessas tecnologias possibilita o acesso ampliado a documentos, bibliografias e registros produzidos em língua búlgara, permitindo revisões críticas e aprofundamentos interpretativos nas futuras edições deste estudo. Tal ampliação do corpus documental tende a favorecer análises mais complexas acerca das experiências migratórias, das dinâmicas políticas e das condições sociais que marcaram a Bulgária no período comunista.

Com o objetivo de preservar e ampliar a memória de Zdravko Damianof, foi desenvolvido, em conjunto com minha prima Anna Luz Quiroz Damianof, um site-memorial atualizado periodicamente com documentos, informações e desdobramentos da pesquisa: www.iscreative.com.br/zdravkodamianof.

Por fim, destaca-se que as narrativas produzidas por autores vinculados ao Partido Comunista Búlgaro frequentemente apresentam uma leitura positiva do período, enfatizando avanços industriais, expansão das exportações, investimentos em educação e tecnologia e a estabilidade econômica proporcionada pela integração ao bloco soviético. Contudo, quando confrontadas com os relatos de familiares e

com as experiências de refugiados políticos, emergem tensões e dissensos que revelam uma realidade marcada por perseguições, restrições de liberdade e dificuldades socioeconômicas. A análise comparativa entre essas perspectivas evidencia que os benefícios atribuídos ao regime não foram igualmente experimentados por toda a população, o que contribuiu para a decisão de muitos búlgaros de emigrar em busca de segurança, liberdade e melhores condições de vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me guiado, amparado e fortalecido ao longo desta pesquisa.

Aos meus pais, expresso minha profunda gratidão por tudo aquilo que sou, pelo apoio incondicional, pelo incentivo permanente aos estudos e pelo suporte fundamental que possibilitou a realização desta trajetória acadêmica.

Aos amigos João Guilherme, Jorge, Lucas Lourenço, Lucas Nascimento e Stephanie, agradeço pela convivência, pela amizade e por terem contribuído para tornar o período de minha graduação especialmente significativo.

À Profa. Dra. Fabiana Beltramim, agradeço pela orientação cuidadosa, pelo empenho e pela dedicação no desenvolvimento desta pesquisa.

A todos aqueles que, de diferentes maneiras, contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho e para minha formação acadêmica e pessoal, registro meu sincero reconhecimento.

In memoriam: Zdravko Damianof (1928–1987)

BIBLIOGRAFIA

ALVIM, Zuleika. “Imigrantes: A vida privada dos pobres do campo”. In: NOVAIS, Fernando Antonio; SEVCENKO, Nicolau (orgs.). República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 215–288. (História da Vida Privada no Brasil, v. 3).

BELTRAMIM, Fabiana. Entre o Estúdio e a Rua: a trajetória de Vincenzo Pastore, fotógrafo do cotidiano. São Paulo, 2016.

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BLOM, Philipp. Ter e manter: uma história íntima de colecionadores e coleções. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína Passos (orgs.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. p. 183–191.

BROWN, Archie. Ascensão e queda do comunismo. Rio de Janeiro: Record, 2010.

BURCHETT, Wilfred. Bulgária: passado, presente e futuro. São Paulo: Editora Novos Rumos, 1985.

CHEVALIER, Sophie. Uma sociedade em mudança: antropologia de uma “transição” na Bulgária. v. 7, n. 15, p. 37–55, 2001.

DAMIANOF, Carlos. Entrevista concedida a Igor Leme Damianof. Jundiaí, nov. 2017. Acervo pessoal.

DAMIANOF, Luis. Entrevista concedida a Igor Leme Damianof. São Paulo, nov. 2017. Acervo pessoal.

GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Larousse Cultural, 1995. v. 4, p. 984–986.

JIVKOV, Todor. Bulgária Contemporânea. 2. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1987.

LEITE, Miriam Moreira. Retratos de família. São Paulo: EDUSP, 1993.

SALGADO, Plínio. O Estrangeiro. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

SAYAD, Abdelmalek. A imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: EDUSP, 1998.

Acervo da Família Damianof: Fotografias da vida de Zdravko Damianof, documentos pessoais e certidões.

NOTAS

3. A percepção sobre a figura do imigrante envolve tanto a forma como é visto pela sociedade de acolhimento quanto a maneira pela qual constrói sua própria identidade no contexto migratório.

4. As “ilusões” mencionadas por Sayad referem-se às expectativas social e historicamente construídas em torno da imigração, tanto por parte das sociedades receptoras quanto pelos próprios imigrantes.

5. As relações de causa e vantagem na imigração vinculam-se às políticas migratórias e às dinâmicas econômicas, sociais e culturais que condicionam a mobilidade humana.

6. ALVIM, Zuleika. “Imigrantes: A vida privada dos pobres do campo”. In: NOVAIS, Fernando Antonio; SEVCENKO, Nicolau (orgs.). República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 216.

7. ALVIM, Zuleika. “Imigrantes: A vida privada dos pobres do campo”. In: NOVAIS, Fernando Antonio; SEVCENKO, Nicolau (orgs.). República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 216–217.

8. SALGADO, Plínio. O Estrangeiro. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936, p. 49.

9. SALGADO, Plínio. O Estrangeiro. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936. (Referência mobilizada como enquadramento literário do período e de suas representações sociais sobre o estrangeiro.)

10. Quando o autor utiliza o termo “ela”, refere-se à modernidade.

11. GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Larousse Cultural, 1995, v. 4, p. 984–986.

12. “Além disso, um sistema deixar de ser Comunista não é exatamente o mesmo que um sistema se tornar uma democracia.” Cf. BROWN, Archie. Ascensão e queda do comunismo. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 630.

13. Zdravko Damianof (1928–1987) foi um imigrante búlgaro que viveu no Brasil por 36 anos. Sua história é relatada por seus dois filhos Luis e Carlos Damianof; e por sua esposa Romilda Damianof. Por causa do regime comunista, em 1951, Zdravko saiu da Bulgária como fugitivo, buscando melhores condições e perspectivas de vida em outro país. Até chegar no Brasil, ele passou pela Grécia e Itália.

14. SAYAD, Abdelmalek. A imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: EDUSP, 1998, p. 11.

15. Idem, p. 46.

16. Idem, p. 18.

17. A Bulgária é frequentemente referida como “país das rosas” em razão de sua histórica produção de óleo de rosas, especialmente no Vale de Kazanlak.

18. GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Larousse Cultural, 1995, v. 4, p. 984–986.

19. GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Larousse Cultural, 1995, v. 4, p. 984–986.

20. JIVKOV, Todor. Bulgária Contemporânea. São Paulo: Alfa-Omega, 1987, p. 22.

21. GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Larousse Cultural, 1995, v. 4, p. 984–986.

22. GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Larousse Cultural, 1995, v. 4, p. 984–986.

23. JIVKOV, Todor. Bulgária Contemporânea. São Paulo: Alfa-Omega, 1987. (Contextualização histórica do período de 1946 e da conformação estatal sob influência soviética.)

24. JIVKOV, Todor. Bulgária Contemporânea. São Paulo: Alfa-Omega, 1987. (Enquadramento político do período e das articulações do Partido Comunista Búlgaro.)

PART 1

*PHOTOGRAPHS RECEIVED FROM
FAMILY MEMBERS IN BULGARIA*

PARTE 1

**FOTOGRAFIAS RECEBIDAS DE
FAMILIARES NA BULGÁRIA**

3. IX. - 1967. год.
За спомен -
на семейството -
Здравко-Дамянов
от
неговата майка
Стойна - Кост. -
- Дамянова, -
с. Беласица,
ок. Пловдивско.

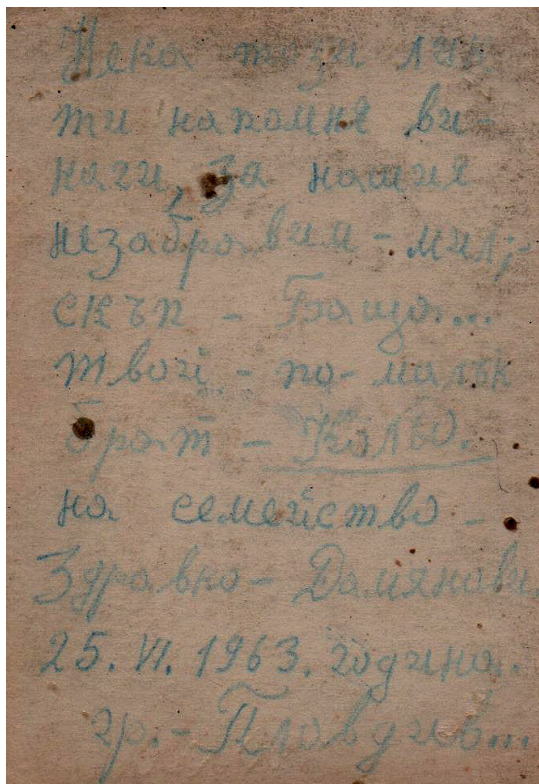
3.IX.1967 год.
За спомен
на семейството
Здравко-
Дамянов
от неговата
майка
Стойна Кост.
Дамянова
с. Беласица
ок. Пловдивско

3 de setembro de 1967. Como lembrança para a família de Zdravko Damyanov, de sua mãe, Stoyana Damyanova. Aldeia de Belasitsa, região de Plovdiv.

September 3, 1967. As a keepsake for the family of Zdravko Damyanov, from his mother, Stoyana Damyanova. Belasitsa village, Plovdiv region.



Stoyana Damyanova
Mãe de Zdravko
Zdravko's mother



Нека този лик
ти напомня
винаги
за нас и да не
ни
забравяш -
мили
скъп - Бочо...
твой по-малък
брат - Кольо.

на семейството
Здравко-
Дамянови

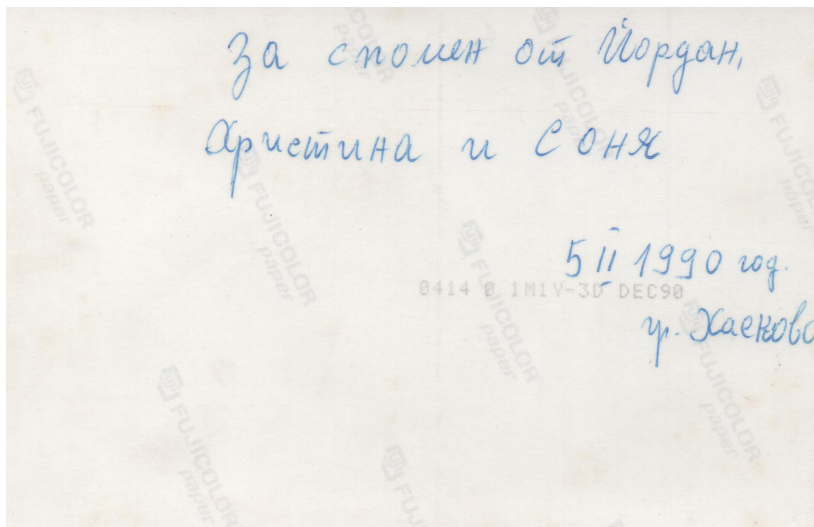
25.VI.1963
година
гр. Пловдив

Que este retrato sempre te lembre de nós e que não nos esqueças, querido Bocho. Do teu irmão mais novo, Nikola, para a família Zdravko Damyanov.
Plovdiv, 25 de junho de 1963.

*May this portrait always remind you of us, and may you not forget us, dear Bocho. From your younger brother, Kolyo, to the Zdravko Damyanov family.
Plovdiv, June 25, 1963.*



Nikola Damyanov
Irmão mais novo de Zdravko
Zdravko's younger brother

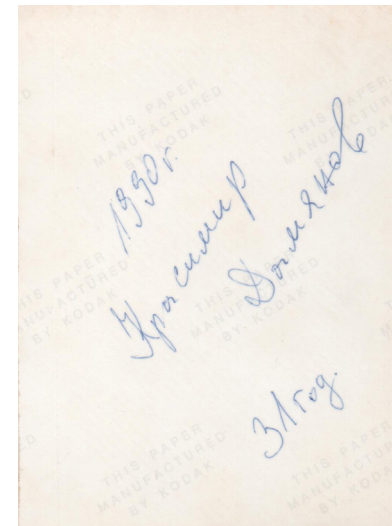


Yordan Damyanov (irmão de Zdravko), sua esposa Hristina, e sua filha Sonya

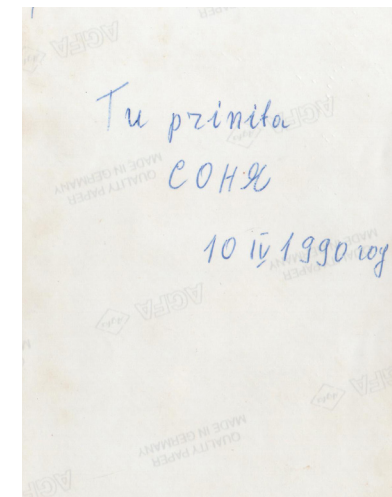
Yordan Damyanov (Zdravko's brother), his wife Hristina and their daughter Sonya

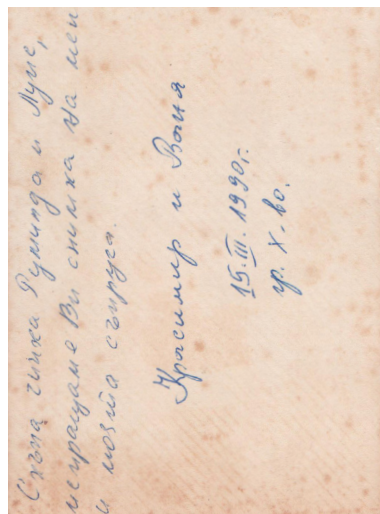


Krasimir Damyanov, filho de Yordan e sobrinho de Zdravko
Krasimir Damyanov, son of Yordan and nephew of Zdravko

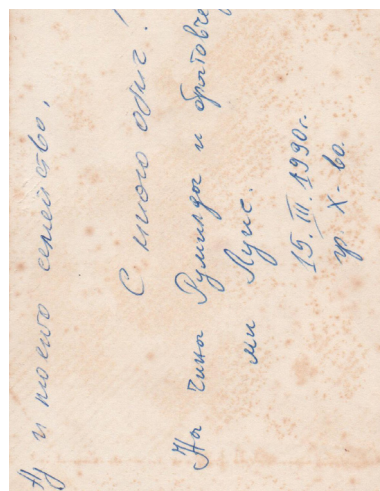


Sonya Damyanova, filha de Yordan e sobrinha de Zdravko
Sonya Damyanova, daughter of Yordan and niece of Zdravko



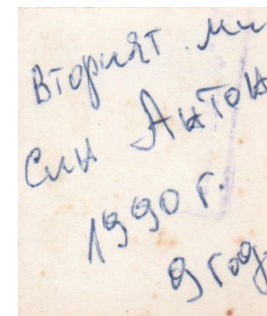


Krasimir Damyanov (sobrinho de Zdravko) e sua esposa Ivanka
Krasimir Damianov (Zdravko's nephew) and his wife Ivanka

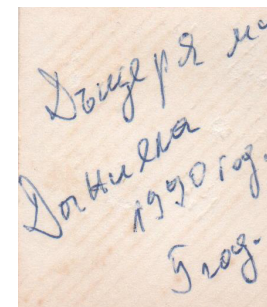


Krasimir e Ivanka com Anton, Daniela e Lazar
(sobrinhos-netos de Zdravko)

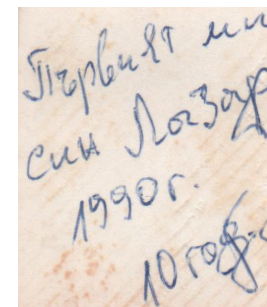
Krasimir and Ivanka with Anton, Daniela, and Lazar
(Zdravko's great-nephews and great-niece)



Anton Damyanov



Daniela Damyanova



Lazar Damyanov

PART 2

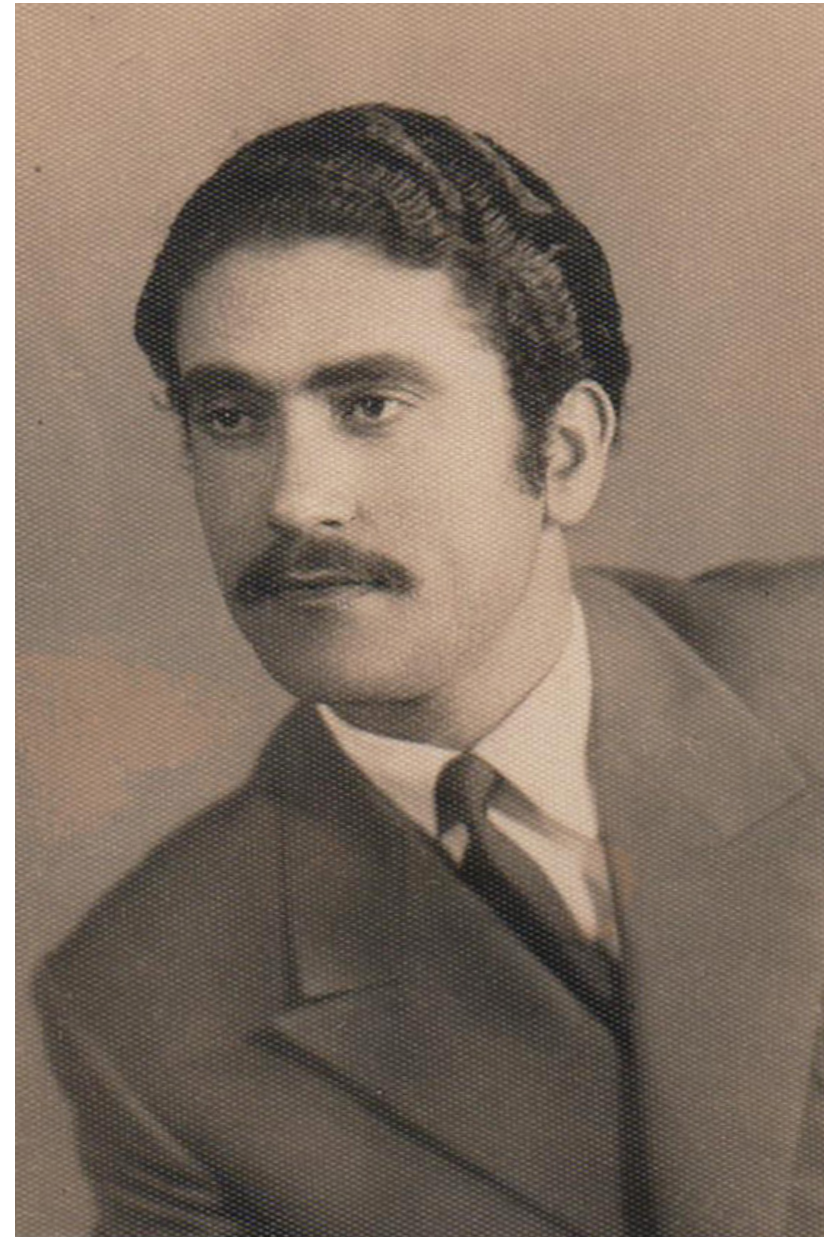
*PHOTOGRAPHS TAKEN IN
BRAZIL AND DOCUMENTS*

PARTE 2

**FOTOGRAFIAS PRODUZIDAS NO
BRASIL E DOCUMENTOS**



Zdravko Damianof



Zdravko Damianof



Romilda era esposa de Zdravko
Romilda was Zdravko's wife



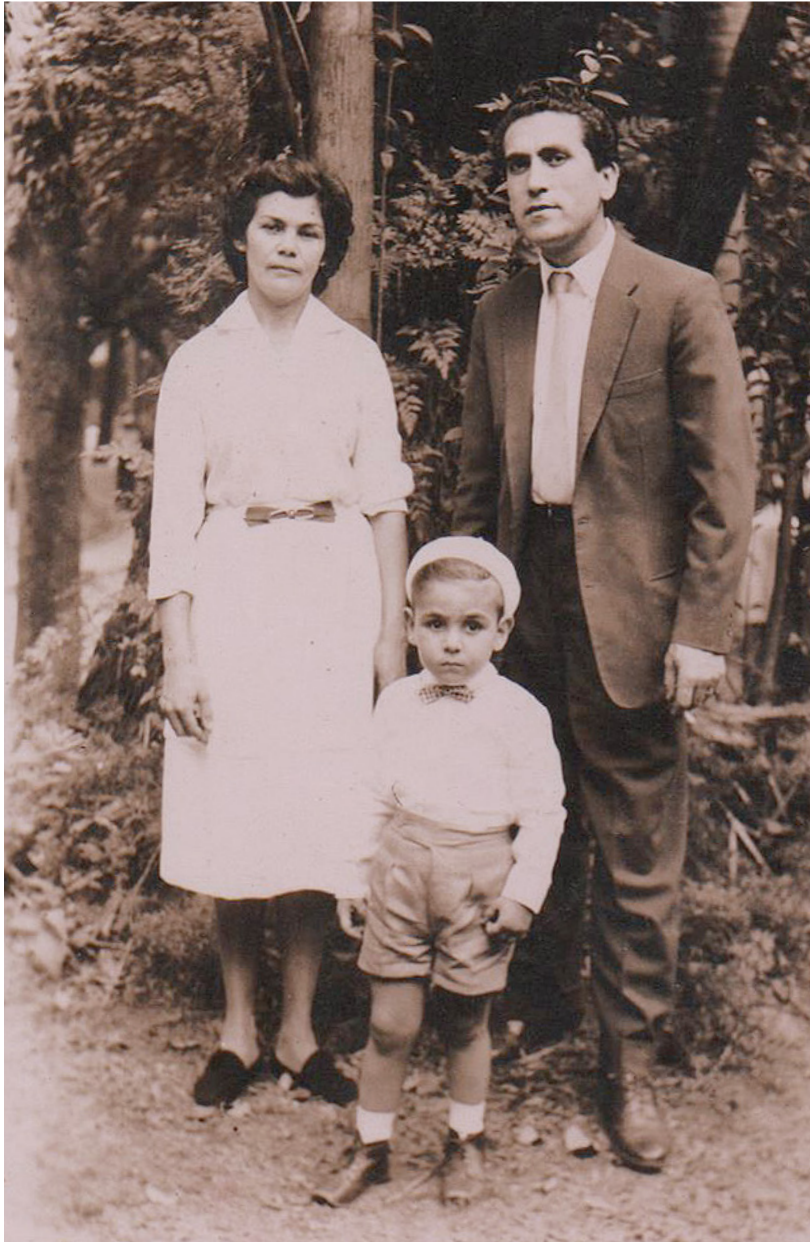
Romilda e Zdravko Damianof



Zdravko, Romilda e Luis Damianof



Romilda, Carlos, Luis e Zdravko Damianof
 Carlos e Luis são os filhos de Zdravko
Carlos and Luis are Zdravko's sons



Romilda, Luis e Zdravko Damianof



Carlos e Zdravko Damianof



Zdravko e seus amigos da Vigorelli
(empresa que trabalhou por vários anos)

*Zdravko and his friends from Vigorelli (the
company where he worked for many years)*



Luis Damianof, Diado Miko e Carlos Damianof

*Diado era um amigo búlgaro de Zdravko
Diado was a Bulgarian friend of Zdravko*



Carlos, Bandite e Zdravko Damianof



Zdravko Damianof, vizinhos de Jundiaí, Carlos Damianof, Edson Campos (sobrinho de Romilda) e Benedita Soares (mãe de Romilda)

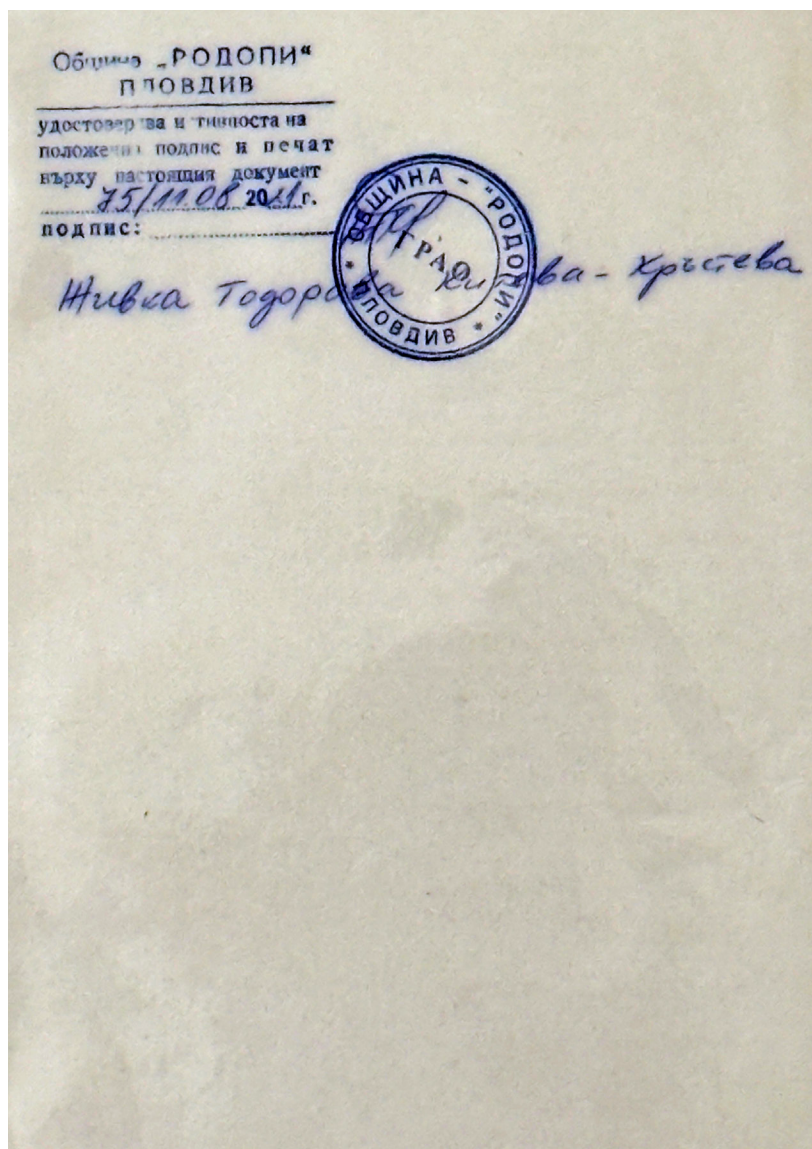
Zdravko Damianof, neighbors from Jundiaí, Carlos Damianof, Edson Campos (Romilda's nephew) and Benedita Soares (Romilda's mother)



Zdravko e Romilda Damianof com vizinhos de São Paulo
Zdravko and Romilda Damianof with neighbors from São Paulo



Bandite, Zdravko e Luis Damianof



Second copy of Zdravko Damianof's Bulgarian birth certificate



2ª via da certidão de nascimento búlgara de Zdravko Damianof

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ESTADO DE SÃO PAULO
REGISTRO CIVIL DO
DISTRITO, MUNICÍPIO E COMARCA DE JUNDIAÍ
CERTIDÃO DE CASAMENTO

FIÇA EM SÃO PAULO
Tabelião Bruno
Rua Barão de Itatiba, 50
RIO DE JANEIRO
Tabelião João Messias
Rua do Rosário, 134

José Pires Martins
ESCRIVÃO

João Fernandes Cardoso Filho
Sylvio Pesce Junior
Hélio Kneubil
Danilo Panizza Filho
ESCREVENTES AUTORIZADOS

José Eduardo Piva Martins
OFICIAL MAIOR

CERTIFICO que revendo em cartório o livro de casamento número B. 58, dêle, às folhas 182 sob o número de ordem 10.247, consta o matrimônio realizado em 05 de maio de 1.956, de Zdravko Damianof e de Leonor Soares de Campos.
Ele, nascido em BULGARIA, em 06 de setembro de 1.928
filho de Constatin Damianof
e de Stoena Licena.
Ela, nascida em Itatiba, SP, em 06 de setembro de 1.927
filha de Pedro Soares de Campos
e de Benedicta da Conceição.
Adotou o nome: Leonor Soares de Campos Damianof
O... a margem do termo...
O referido é verdade e dou fé.
Jundiaí, 29 de janeiro de 1976.
SELO
TAXA TASI
PAGA NO VERSO
p/verba.
DANILLO PANIZZA FILHO
conferente autorizado
Registro Civil

Certidão original de casamento de Zdravko e Romilda Damianof
Original marriage certificate of Zdravko and Romilda Damianof

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
REGISTRO CIVIL
29.º SUBDISTRITO DE SANTO AMARO
MUNICÍPIO E COMARCA DA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO
CARTÓRIO: AVENIDA MÁRIO LOPES LEÃO N.º 259, 263 e 269 — TELEFONE: 246-3187

ÓBITO

LIVRO C-65 N.º 46.006 FLS. 72
OSWALDO SOUSA MACHADO Escrivão do Registro Civil do Subdistrito de Santo Amaro
CERTIFICA que em 24 de junho de 1987 no livro e fls. supra, foi promovido o assento de ZDRAVKO DAMIANOF falecido aos 21 de junho de 1987, às * 21:30 horas, neste subdistrito no Hospital e Maternidade Piratininga do sexo masculino, de cor branca, profissão comerciante natural de Bulgária domiciliado em [REDACTED] e residente em idem com 59 anos de idade, estado civil casado filho de: CONSTANT DAMIANOF (falecido) profissão ... natural de Bulgária e residente em ... e de Dona STOEMA LICENA (falecida) profissão ... natural de Bulgária e residente em ...
Foi declarante Carlos de Campos Damianof sendo o atestado de óbito firmado pelo Dr. Gideon de Oliveira-CRM: 2.169 que deu como causa da morte insuficiência cariores-piratória aguda, infarto do miocárdio fulminante e o sepultamento vai ser feito no cemitério da Paz, nesta Capital.
OBSERVAÇÕES: Era casado com Da. LEONOR S. DE CAMPOS DAMIANOF, deixando os filhos: LUIZ e CARLOS com 29 e 25 anos de idade respectivamente, faleceu "ab-intestato", deixando bens, demais dados ignorados.
[Stamp: Protocolado por...]
sis. 6117-prov. 26/81-
O referido é verdade e dou fé.
Subdistrito - Santo Amaro
São Paulo, 24 de junho de 1987
cobrado por este certidão
serventário C.º 38,82
P.º 12,00
CARTÓRIO DO ESCRIVÃO O. MACHADO
OSWALDO SOUSA MACHADO
Av. Mario Lopes Leão, 259, 263, 269 - S.º A. o ESCRIVÃO

Certidão original de óbito de Zdravko Damianof
Original death certificate of Zdravko Damianof

[illegible]

68

69

PART 3

FAMILY TREE

*DEVELOPED WITH THE
ASSISTANCE OF NIKOL DAMYANOVA*

PARTE 3

ÁRVORE GENEALÓGICA

**DESENVOLVIDA COM O
APOIO DE NIKOL DAMYANOVA**

KOSTADIN & STOYNA DAMYANOV

Zdravko

Luis

Luis
Isabele
Igor

Carlos

Carlos
Anna

Vasilka

Slavcho

Alexandar
Veselina

Yordan

Krasimir

Lazar
Anton
Borislav
Kristiana
Daniela

Zdravko

Lazar
Yordani
Dimana

Sonya

Viktor
Kris

Nikola

Kostadin

Elena
Nikol
Petar

Zdravko

Zhivko

Valentin

Hilena
Zhivko

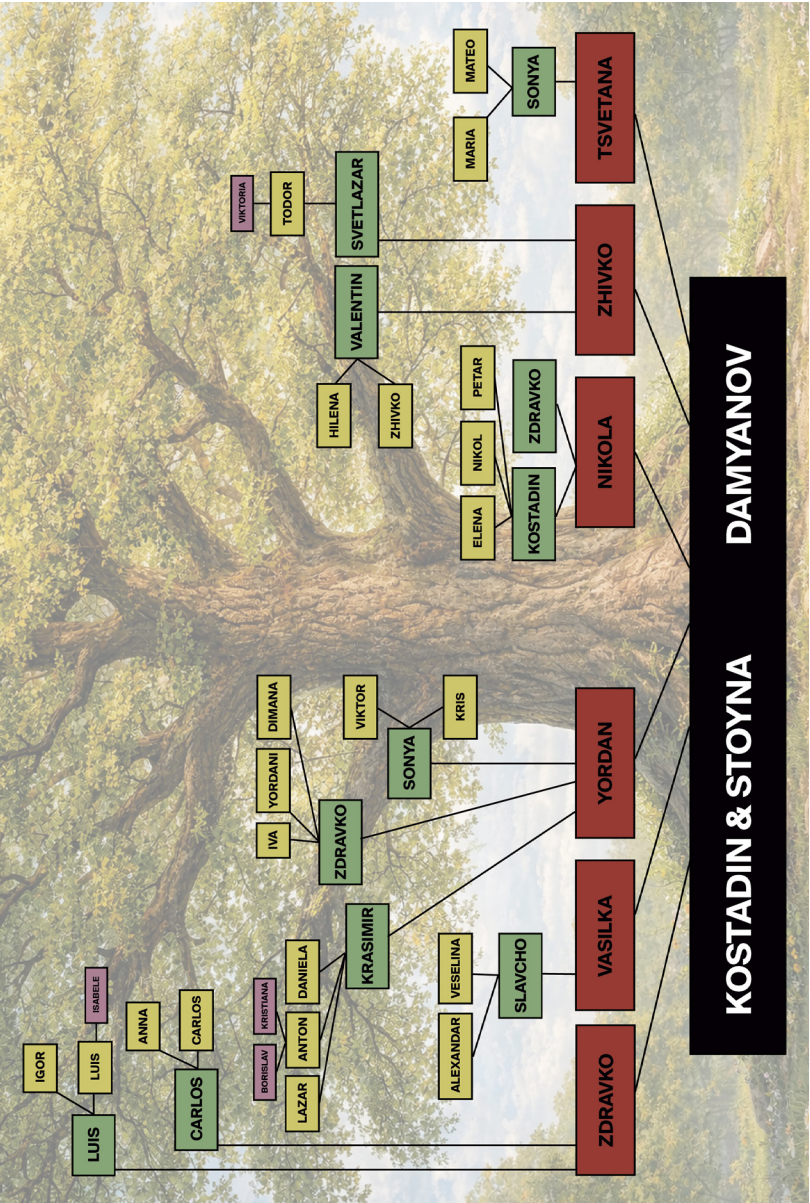
Svetlazar

Todor
Viktoria

Tsvetana

Sonya

Maria
Mateo



PART 4

LETTER FROM YORDAN DAMYANOV

Spas Todorov Raikin, who fled Bulgaria alongside Zdravko, later became a Professor Emeritus of History at East Stroudsburg University (Pennsylvania, USA). In 2001, he published the book 'Rebel with a Just Cause,' in which he included one of the letters he received from Yordan Damyanov, Zdravko's brother. The letter portrays various family, historical, and political contexts that contribute to the understanding of Zdravko's escape and the events that followed.

PARTE 4

CARTA DE YORDAN DAMYANOV

Spas Todorov Raikin, que fugiu da Bulgária ao lado de Zdravko, tornou-se mais tarde professor emérito de História na Universidade de East Stroudsburg (Pensilvânia, EUA). Em 2001, publicou a obra “Rebel with a Just Cause” (Rebelde por uma Causa Justa), na qual incluiu uma das cartas que recebeu de Yordan Damyanov, irmão de Zdravko. O documento retrata diversos contextos familiares, históricos e políticos que contribuem decisivamente para a compreensão da fuga de Zdravko e de todos os desdobramentos que a sucederam.

Yordan K. Damianov
K. Fotinov 2
Haskovo, Bulgaria

October 23, 1999

Dear Mr. Raikin,

I thank you, from the bottom of my heart, for your letter and for the attached memories regarding your escape from the trudovak camp to the free world in 1951.

In your letter, you wrote very little about yourself and nothing about how you live now or your intentions to visit your homeland, Bulgaria, so that we might see each other here, in our long-suffering country. If you come to Bulgaria, even for a short time, please let me know so that we can meet and talk like brothers. You wrote nothing about my brother, Zdravko—is he alive? Did you see his name in any records, in case he has passed away? I still believe he is alive. I was only 14 years old when he left us in 1951, in our enslaved homeland.

In your letter, you ask me what kind of young man my brother Zdravko was and what his family context was like.

I heard, when I was still a child, that my great-grandfather, Damian, was a wealthy man with many lands, and that he had been continuously elected mayor of the village of Belashtitsa. I remember nothing about my grandfather Georgi, my father Konstantin's father.

I remember that, before September 9, 1944, my father had his own butcher shop, and his brother, my uncle, had a small bar. I remember that after September 9, everything was nationalized and the family fell into poverty. They pointed a gun at his head in the temple, but they did not kill him. He became despondent, developed a serious illness, his body turned as dark as coal, and he died. My mother had three brothers who were shot after September 9. To this day, we do not know where their graves are. I remember how they were paraded through the village in handcuffs.

The age difference between me and Zdravko was considerable, but as far as I remember, he was a very strong and handsome young man. He was being expelled from school. State Security watched him; he was arrested on many occasions and beaten nearly to death. Our people covered his black-and-blue body with fresh skins to save him. He used to write poems and recite them. Long after his disappearance, the young people of the village composed songs about him and wept for him.

When Zdravko was no longer among us, the people of Belashtitsa mourned his absence and created many legends about him. So

Yordan K. Damianov
K. Fotinov 2
Haskovo, Bulgária

23 de outubro de 1999

Prezado Sr. Raikin,

Agradeço-lhe, do fundo do meu coração, pela carta e pelas recordações anexadas sobre sua fuga do campo de trudovaks para o mundo livre, em 1951.

Em sua carta, o senhor escreveu muito pouco sobre si mesmo e nada sobre como vive agora e quais são suas intenções de visitar sua pátria, a Bulgária, para que pudéssemos nos ver aqui, em nosso país há tanto tempo sofrendo. Se o senhor vier à Bulgária, mesmo que por pouco tempo, por favor me avise, para que possamos nos encontrar e conversar como irmãos. O senhor não escreveu nada sobre meu irmão, Zdravko — ele está vivo? O senhor viu seu nome em algum registro, caso tenha falecido? Eu ainda acredito que ele esteja vivo. Eu tinha apenas 14 anos quando ele nos deixou, em 1951, em nossa pátria escravizada.

Em sua carta, o senhor me pergunta que tipo de jovem era meu irmão Zdravko e qual era o seu contexto familiar.

Ouvi dizer, quando ainda era criança, que meu bisavô, Damian, era um homem abastado, com muitas terras, e que havia sido continuamente eleito prefeito da aldeia de Belashtitsa. Não me lembro de nada sobre meu avô Georgi, pai de meu pai, Konstantin.

Lembro que, antes de 9 de setembro de 1944, meu pai tinha seu próprio açougue, e seu irmão, meu tio, tinha um pequeno bar. Lembro que, depois de 9 de setembro, tudo foi nacionalizado e a família caiu na pobreza. Apontaram uma arma para a cabeça dele no templo, mas não o mataram. Ele ficou abatido, desenvolveu uma doença grave, seu corpo escureceu como carvão, e morreu. Minha mãe tinha três irmãos que foram fuzilados depois de 9 de setembro. Até hoje não sabemos onde estão seus túmulos. Lembro-me de como eles foram desfilados pela aldeia algemados.

A diferença de idade entre mim e Zdravko era considerável, mas, tanto quanto me lembro, ele era um jovem muito forte e bonito. Estava sendo expulso da escola. A Segurança do Estado o vigiava; ele foi preso em muitas ocasiões e espancado até quase a morte. Nosso povo cobria seu corpo preto e azul com peles frescas para salvá-lo. Ele costumava escrever poemas e recitá-los. Muito tempo depois de seu desaparecimento, os jovens da aldeia compunham canções sobre ele e choravam por ele.

tormented by his loss, my mother died very young. I and my other four brothers and sisters were left orphaned. I now remember that after his escape, a military general came to our house asking my father where Zdravko was. My father confronted him with accusations, demanding his son back. "I gave him to you to serve, now I want him back." That was how that horrific visit from the general to our house in Belashtitsa ended. I remember how our house was surrounded by men armed with cocked rifles and grenades, so that not even a bird could enter or leave. This continued for a long time. My mother's parents lived in the village of Novosel, about six kilometers from Belashtitsa. When you were on the mountain, my brother Zdravko had gone to Grandmother Todorka to get food. She gave it to him, but on the way back, he fell into an ambush and was saved by a miracle. The next morning, Grandmother Todorka was arrested and beaten to death. Likewise, my grandfather died from the beatings... That was how they destroyed our family.

In 1951, I was in my first year at the Commercial School in Plovdiv. During the summer holidays, I worked in a brick factory. There, I pushed a half-ton wagon for sixteen hours a day to earn money for school and help my mother with a few levs. She worked on the kolkhoz (collective farm), receiving 20 cents (stotinki) a day. That was how I spent my childhood and adolescence. After I finished school, I was also recruited as a trudovak. Day after day, we dug canals with pickaxes and shovels. Many young men in our platoon threw themselves off buildings onto the ground and killed themselves there. Every night, around 1:00 AM, I was woken up and taken for interrogation by the political officer. He kept me there until 4:00 AM, one hour before the whistle blew for us to go to work. Our suffering as trudovaks was no less than yours in Bezmer and Balchik. After your escape, the borders were heavily fortified with signaling technology, so that not even a bird could fly over them. From then on, all escapes from communist Bulgaria ceased.

Although I graduated from the Commercial School with top marks (A), I was not allowed to continue my studies. My desire to keep studying evaporated. I was subjected to persecutions similar to Zdravko's. This forced me to flee Plovdiv and settle as a stranger in Haskovo, where I remain to this day. After a long wait, twenty years later, I entered the Institute in Varna and graduated there. After that, until today, I worked as a financial official.

You ask in your letter what happened to us after your escape. Nothing good. We were persecuted everywhere. We were not allowed to hold proper jobs, except in quarries to break stone into gravel or other heavy, low-paying labor. We were declared "enemies of the people." They also tortured our children. Your escape from communist tyranny brought salvation for you, and oppression for us. Because you escaped their hands, they poured their wrath upon us. It is impossible to describe this in words. Those who have not experienced it firsthand cannot understand.

Quando Zdravko já não estava mais entre nós, o povo de Belashtitsa lamentou sua ausência e criou muitas lendas a seu respeito. Tão atormentada por ele, minha mãe morreu muito cedo. Eu e meus outros quatro irmãos e irmãs ficamos órfãos. Agora me lembro de que, depois de sua fuga, um general militar veio à nossa casa perguntando a meu pai onde estava Zdravko. Meu pai o enfrentou com acusações, exigindo que lhe devolvesse o filho. "Eu o entreguei para servir a vocês, agora o quero de volta." Foi assim que terminou essa horrível visita do general à nossa casa em Belashtitsa. Lembro-me de como nossa casa ficou cercada por homens armados com fuzis engatilhados e granadas, de modo que nem um pássaro poderia entrar ou sair. Isso continuou por muito tempo. Os pais de minha mãe viviam na aldeia de Novosel, a cerca de seis quilômetros de Belashtitsa. Quando o senhor estava na montanha, meu irmão Zdravko havia ido até a avó Todorka buscar comida. Ela lhe deu, mas, no caminho de volta, ele caiu numa emboscada e salvou-se por milagre. Na manhã seguinte, a avó Todorka foi presa e espancada até a morte. Da mesma forma, meu avô morreu por causa dos espancamentos... Foi assim que destruíram nossa família.

Em 1951, eu estava no primeiro ano da Escola de Comércio em Plovdiv. Durante as férias de verão, trabalhei numa fábrica de tijolos. Lá eu empurrava uma vagoneta de meia tonelada durante dezesseis horas por dia, para ganhar dinheiro para a escola e ajudar minha mãe com alguns levs. Ela trabalhava na fazenda do kolkhoz, recebendo 20 centavos (moeda búlgara) por dia. Foi assim que passei minha infância e adolescência. Depois que terminei a escola, também fui recrutado como trudovak. Dia após dia cavávamos canais com picaretas e pás. Muitos jovens do nosso pelotão se jogavam dos prédios no chão e ali se matavam. Todas as noites, por volta de 1h da madrugada, eu era acordado e levado para interrogatório pelo oficial político. Ele me mantinha ali até as 4h da manhã, uma hora antes de soar o apito para irmos trabalhar. Nossos sofrimentos como trudovaks não foram menores do que os seus em Bezmer e Balchik. Depois da sua fuga, as fronteiras foram fortemente fortificadas, com tecnologia de sinalização, de modo que nem um pássaro podia sobrevoá-las. A partir de então, todas as fugas da Bulgária comunista cessaram.

Embora eu tenha me formado na Escola de Comércio com nota máxima (A), não me foi permitido continuar meus estudos. Meu desejo de seguir estudando evaporou. Fui submetido a perseguições semelhantes às de Zdravko. Isso me forçou a fugir de Plovdiv e me estabelecer como um estranho em Haskovo, onde estou até hoje. Depois de longa espera, vinte anos mais tarde, entrei no Instituto de Varna e me formei lá. Depois disso, até hoje, trabalhei como funcionário da área financeira.

O senhor pergunta em sua carta o que aconteceu conosco depois da sua fuga. Nada de bom. Fomos perseguidos em toda parte. Não nos permitiam ocupar empregos adequados, exceto nas pedreiras para

After 45 years, on November 10, 1989, a palace revolution occurred. Since then, our revolutionaries, who in reality are people from the Bulgarian Communist Party, have never remembered you—the refugees from the communist paradise—nor us, who suffered as guilty parties for your transformation into “traitors of the people” for having left Bulgaria. Overnight, the red nomenklatura transformed themselves into capitalists and stripped the country of everything they could. They left the people to starve and live in misery. Ten years of theft have passed, and there has not even been a single person convicted by the courts. You are far from us, so how could you help us?

As for us, only suffering remained, now as before. If my brother Zdravko had not escaped, we who stayed behind would not have been marked as “relatives of an emigrant in the West.” My studies would not have been delayed by twenty years, and we would not have been orphaned. But there are things that man alone cannot resolve. It is DESTINY that decides these things. That is what happened to you and to us.

I think in this letter I have been exhaustive and satisfied your wish for me to write to you, in common language, about the events we lived through and that afflicted us after your escape.

I am happy that you are now well. You became a professor. Most likely, you live a better and more peaceful life than the one we live here. I am sad because we know nothing substantial about Zdravko. I cannot accept that he is no longer among us, among the living, that he departed this world so young—far from relatives and friends. All of us here loved him immensely and continue to love him, even though we have lived for many decades in separation and darkness. Please, write to me in as much detail as possible about Zdravko. I have the address of his son, Karlos, in São Paulo—Brazil, so if you wish, you could write to him and share the fact that we are exchanging letters—with me, his uncle Yordan. His address is... Write to him also on my behalf and give him my address... I will look forward to your reply. With best regards to you and your family.

Yordan Damianov.

quebrar pedra em cascalho ou outros trabalhos pesados e mal pagos. Fomos declarados “inimigos do povo”. Também torturaram nossos filhos. Sua fuga da tirania comunista trouxe salvação para o senhor, e opressão para nós. Pelo fato de o senhor ter escapado de suas mãos, eles despejaram sua ira sobre nós. É impossível descrever isso em palavras. Quem não experimentou isso na própria pele não pode compreender.

Depois de 45 anos, em 10 de novembro de 1989, ocorreu uma revolução palaciana. Desde então, nossos revolucionários, que na realidade são pessoas do Partido Comunista Búlgaro, nunca se lembraram de vocês, os refugiados do paraíso comunista, nem de nós, que sofremos como culpados por sua transformação em “traidores do povo”, por terem deixado a Bulgária. A nomenklatura vermelha da noite para o dia transformou-se em capitalistas e retirou do país tudo o que pôde. Deixaram o povo morrer de fome e viver na miséria. Já se passaram dez anos de roubos, e nem sequer houve um único condenado pelos tribunais. O senhor está longe de nós, então como poderia nos ajudar?

Quanto a nós, apenas o sofrimento permaneceu, agora como antes. Se meu irmão Zdravko não tivesse escapado, nós que ficamos para trás não teríamos sido marcados como “parentes de emigrante no Ocidente”. Meus estudos não teriam sido adiados por vinte anos e não teríamos ficado órfãos. Mas há coisas que o homem sozinho não pode resolver. É o DESTINO que decide essas coisas. Foi isso o que aconteceu com o senhor e conosco.

Acho que nesta carta fui exaustivo e satisfiz seu desejo de que eu lhe escrevesse, numa linguagem comum, sobre os acontecimentos que vivemos e que nos afligiram depois da sua fuga.

Fico feliz que agora o senhor esteja bem. O senhor se tornou professor. Muito provavelmente vive uma vida melhor e mais pacífica do que a que vivemos aqui. Estou triste porque nada sabemos de substancial sobre Zdravko. Não consigo aceitar que ele não esteja entre nós, entre os vivos, que tenha partido tão jovem deste mundo — longe de parentes e amigos. Todos nós aqui o amávamos imensamente e continuamos a amá-lo, embora tenhamos vivido por muitas décadas na separação e na escuridão. Por favor, escreva-me o mais detalhadamente possível sobre Zdravko. Tenho o endereço de seu filho Karlos, em São Paulo — Brasil, de modo que, se o senhor desejar, poderia escrever-lhe e compartilhar com ele o fato de que estamos trocando cartas — comigo, seu tio Yordan. Seu endereço é... Escreva-lhe também em meu nome e dê-lhe meu endereço... Esperarei ansiosamente por sua resposta. Com os melhores cumprimentos para o senhor e sua família.

Yordan Damianov.

© 2026 Igor Leme Damianof

All rights reserved. No part of this publication may be reproduced or transmitted in any form or by any means, electronic or mechanical, including photocopying, recording, or any information storage and retrieval system, without prior written permission from the author.

Editorial coordination, editing, revision, graphic design, and layout by Igor Leme Damianof.

English translation carried out with the assistance of artificial intelligence.

Photographic and documentary collection: Damianof Family.

Cataloging-in-Publication (CIP) Data

Damianof, Igor Leme

Bulgarian immigration to Brazil as a consequence of the communist regime (1946–1991): memory and trajectory of Zdravko Damianof = Imigração búlgara para o Brasil como consequência do regime comunista (1946–1991): memória e trajetória de Zdravko Damianof / Igor Leme Damianof ; translation by Igor Leme Damianof. — 2st ed. — São Paulo : IS Creative, 2026.

Bilingual edition: Portuguese/English.

ISBN 978-65-979274-3-2

1. Bulgaria — History. 2. Bulgarians — Brazil — Biography. 3. Damianof, Zdravko. 4. Life histories.
5. Bulgarian immigration — Brazil — History.
6. Bulgarian immigrants — Brazil — History.
7. Personal narratives. I. Title.

26-339317.0

CDD-920.7

Aline Grazielle Benitez - Librarian - CRB-1/3129

Systematic catalog index:

1. Bulgarian immigrants : Brazil : History 920.71

Second edition, June 2026, digital version, kindle and updates on Zdravko's story.

Published by Is Creative Edições, São Paulo, Brazil.

Typeset in Suisse Int'l.

**BULGARIAN IMMIGRATION TO
BRAZIL AS A CONSEQUENCE OF THE
COMMUNIST REGIME (1946–1991):
MEMORY AND THE TRAJECTORY OF
ZDRAVKO DAMIANOF**

**This research is a posthumous tribute to
Zdravko Damianof (1928-1987).**

IGOR LEME DAMIANOF

IS CREATIVE EDIÇÕES

CONTENTS

PORTUGUESE VERSION / VERSÃO EM PORTUGUÊS	3
PART 1 – PHOTOGRAPHS RECEIVED FROM FAMILY MEMBERS IN BULGARIA	36
PART 2 – PHOTOGRAPHS PRODUCED IN BRAZIL AND DOCUMENTS	46
PART 3 – FAMILY TREE	70
PART 4 - LETTER FROM YORDAN DAMYANOV	74
PRESENTATION	89
INTRODUCTION	90
IMMIGRATION AND ITS CHARACTERIZING ASPECTS	92
THE SOCIAL AND POLITICAL CONTEXT OF BULGARIA	95
ZDRAVKO DAMIANOF: MEMORIES AND PRESERVED REMEMBRANCES	98
INTERVIEW I – PROCESSES AND EXPERIENCES OF ZDRAVKO DAMIANOF’S IMMIGRATION	101
INTERVIEW II – PROCESSES AND EXPERIENCES OF ZDRAVKO DAMIANOF’S IMMIGRATION	103
FINAL CONSIDERATIONS	108
ACKNOWLEDGMENTS	111
BIBLIOGRAPHY	111
NOTES	113

PRESENTATION

This book is based on research conducted by the author in 2017 for an academic article, presented as a Bachelor's Thesis in History at the University of Santo Amaro (São Paulo, SP, Brazil). Nearly ten years later, the original text has been revisited, revised, and edited, published in February 2026 in a bilingual format (Portuguese and English). This material preserves the structure and rigor of the study that originated it, maintaining the argumentative organization and methodology developed under the guidance of Fabiana Beltramim, PhD in Social History from FFLCH-USP.

The study stems from an individual and family perspective. The objective is not to generalize the Bulgarian migratory experience, but to contribute to its historiographical understanding through a specific trajectory. For the sake of historical precision, it should be clarified that the communist regime in Bulgaria was established through a coup in September 1944, ending with the fall of Todor Zhivkov and the Berlin Wall in November 1989. The period adopted in the title of this book (1946–1991) refers to distinct institutional milestones: 1946 marks the official abolition of the monarchy and the establishment of the People's Republic of Bulgaria, while 1991 marks the promulgation of the current Bulgarian Constitution, consolidating the democratic transition and the country's new institutional order.

Motivated by the desire to improve this material, I dedicated myself, between March and May 2026, to the development of both the physical and digital fronts of this work. This effort culminated in the creation of a website that centralizes my grandfather's history, gathering declassified CIA reports confirming his escape, as well as references to authors who study the communist period and the general history of Bulgaria. This wide range of new materials and documentary evidence justified the publication of this second edition, once again revised and expanded, which seeks not only to record the past but to perpetuate a memory that resisted exile.

June 2026.

INTRODUCTION

The study of Bulgarian immigration to Brazil refers to the conceptualization of the migratory phenomenon, as well as to the characteristics and stereotypes associated with the image and experiences of the immigrant, both from the perspective of the host society and from that of the migrant subject³.

“And insofar as the immigrant’s contacts with the society that incorporates them are prolonged, expanded and intensified, that is, insofar as the immigrant leaves the sphere to which they are traditionally confined by the status and condition attributed to them, and begins to gain new spaces [...], eventually challenging the dominant definition attributed to them and to immigration, even to the point of questioning the representation that is formed of them and that they form of themselves [...]” (SAYAD, 1998, p. 14).

Sayad, in *The Suffering of the Immigrant and The Paradoxes of Alterity*, highlights fundamental issues for understanding the illusions⁴, experiences, memories, and specificities related to immigration. Moreover, he discusses questions that define what are socially constructed as “the problems of immigration,” whose structure is directly linked to relations of cause and advantage⁵ shaped by immigration policies, by immigrants themselves, and by their singularities.

Understanding the particularities of immigrants, as well as their points of convergence and adaptation within the contexts in which they are inserted, becomes more evident through the reflections of Zuleika Alvim in *Immigrants: The Private Life of Rural Poor Workers*⁶.

Perceiving the elements of estrangement and the bonds formed between peoples of distinct cultures—yet united by the difficulty and uncertainty of inhabiting an unfamiliar space, often perceived as hostile and profoundly different from their homeland—constitutes a fundamental element in understanding the migratory experience⁷.

“More than anything [...] it materialized in the new productive activities that immigrants were compelled to undertake in order to survive, in habits of dwelling, personal hygiene, eating, and also in religious, educational, and sanitary practices so different from those of their homeland. Between a very poor Italian woman who saw nothing wrong in removing lice from her children and husband’s heads in front of all the passengers aboard the ship that carried them to the New World and a group of Japanese so accustomed to daily bathing that they did not hesitate to undress and plunge into the Iguape River in Registro to bathe before the townspeople, centuries of habits, education and culture were at stake.” (ALVIM, 1998, pp. 216–217).

The protagonism associated with the immigrant figure in the development of Brazil⁸ is portrayed by Plínio Salgado in his work *The Foreigner*. This Brazilian novel offers insight into immigrant experiences during a particular period in national history, especially in the mid-1920s⁹.

“Heterogeneous, like Brazil, it is nevertheless a linear expression, a set of clear outlines of defined races. But here the country is a gypsy tunic mottled with blots and stains. Upon the imperfect outline of the first miscegenations, unstable contours of ephemeral images are drawn. Everything is indistinct and mutable.” (SALGADO, 1936, p. 49).

Processes of representation should not be analyzed exclusively through textual sources, but also through photographs, artistic exhibitions, museums, and oral testimonies. In this regard, dialogue with the works *Family Portraits*, *To Have and to Hold: An Intimate History of Collectors and Collecting*, and *The Biographical Illusion*, by Miriam Moreira Leite, Philipp Blom, and Pierre Bourdieu respectively, proved fundamental.

These works raise essential questions regarding the treatment of visual and oral archives, as well as the complex relationships between memory, identity, and narrative. The mobilization of

these theoretical references makes it possible to understand how the immigrant's memories and migratory experience may be preserved, reinterpreted, and transmitted over time.

In *All That Is Solid Melts into Air*, Marshall Berman presents, conceptualizes, and problematizes modernity and its implications. "It¹⁰ also shows that people can be modernists even if they have never heard the word 'modernism' in their lives" (BERMAN, 2010, p. 19).

Understanding the processes that shaped Bulgaria's social, cultural, and economic context during the communist regime becomes possible through the works *Contemporary Bulgaria*, *Bulgaria: Past, Present and Future*, and *The Rise and Fall of Communism*, authored respectively by Todor Zhivkov, Wilfred Burchett, and Archie Brown.

Historically, Bulgaria constituted itself as a state that sought to prioritize the sovereignty of its interests and maintain historical, cultural, and economic ties with neighboring countries, particularly those within the sphere of influence of the Soviet Union and its allies¹¹. Understanding how the communist regime interfered in Bulgaria's political and social life from 1946 until the fall of communism in 1990 reveals that the configuration of the Bulgarian government was defined not only by communist ideology itself, but also by the manner in which its principles were implemented, appropriated, and disseminated within society¹².

From a critical perspective, this research mobilizes interviews, photographs, and documents preserved and made available by the Damianof family concerning the life trajectory of Zdravko Damianof¹³.

IMMIGRATION AND ITS CHARACTERIZING ASPECTS

Analyzing the immigrant within the host society¹⁴, contrasting the ways in which he relates, is received, and perceives himself

within that space—allows for an understanding of the singular position he occupies in the social structure. This perspective highlights that:

"[...] the immigrant is atopos, without place, displaced, unclassifiable. This approximation is not intended to ennoble by virtue of reference. Neither citizen nor foreigner, neither fully on the side of the Same nor entirely on the side of the Other, the 'immigrant' occupies that 'bastard' place of which Plato also speaks: the frontier between social being and non-being." (SAYAD, 1998, p. 11).

It may thus be observed that the immigrant tends not to possess a fixed and fully consolidated identity in the society that receives him. His memories and experiences—constitutive elements of his identity in his homeland—become conditioned by the cultural, social, and economic frameworks imposed by the host society. The preservation of memory manifests itself through the creation of community schools, the use of the native language, linguistic relations, the dissemination of cultural practices, and the establishment of museological spaces such as the Immigration Museum of State São Paulo. Such strategies of identity maintenance may be associated with the bonds of proximity constructed with the society that received him.

"Subsequently, there are more abundant and diversified studies devoted to the conditions of existence in immigration (living conditions and working conditions, above all), that is, broadly speaking, the study of the different social problems that have been constituted as 'the problems of immigration.' And insofar as the immigrant's contacts with the society that incorporates him are prolonged, expanded, and intensified—that is, insofar as the immigrant leaves the sphere to which he is traditionally confined by the status and condition attributed to him, and begins to gain new spaces (some of them unprecedented, such as the political sphere), eventually challenging the dominant definition given of him and of immigration, even questioning the representation

that is formed of him and that he forms of himself—the social and scientific treatment, the latter often dependent upon the former, reserved for the immigrant and, more broadly, for the entire phenomenon of immigration, gains both in scope and in depth.” (SAYAD, 1998, p. 14).

Temporariness constitutes another condition to which the immigrant is subject. For him, his permanence in a given place—one that does not correspond to his homeland—is understood as provisional. Similarly, for the host society, the foreigner may at some point cease to be necessary and, consequently, depart.

“Just as this fundamental contradiction—which appears to be constitutive of the immigrant’s very condition—is imposed upon everyone (upon immigrants, certainly, but also upon the society that receives them and upon the society from which they originate), it also imposes upon all the maintenance of the collective illusion of a state that is neither provisional nor permanent [...]” (SAYAD, 1998, p. 46)¹⁵.

Within this context, it is possible to identify several aspects that orient the condition of the immigrant, grounded in what are termed founding illusions: “the illusions they share derive, broadly speaking, from the same categories of thought, which are also social, economic, cultural, political categories, and ultimately categories of the State [...]” (SAYAD, 1998, p. 18). According to Sayad, the immigrant’s presence is, by definition, provisional—whether for work, study, or mere transit. At some point, for various reasons, this individual may leave. Tolerance of the foreigner’s presence is largely connected to the understanding that he will contribute economically and socially through labor. Thus, a frequently depoliticized community is constituted, whose presence is accepted under the expectation of political neutrality.

“To the extent that immigration distances itself from the orthodox definition and the ‘ideal’ representation attributed to it—so far as to contradict them in what is most essential—its

paradoxes [...] are revealed, and the illusions that constitute the very condition for the advent and perpetuation here of immigration, and there of emigration, are uncovered. These illusions produce the effect we recognize because they are collectively maintained; they are, through a kind of objective complicity [...], shared by the three partners involved: the society of emigration, the society of immigration, and the emigrants/immigrants themselves [...]” (SAYAD, 1998, p. 18)¹⁶.

Placed upon a symbolic scale in which advantages and costs are weighed against one another, the immigrant comes to inhabit a tenuous line between the condition of provisional residence and the collective illusion of labor. The former refers to his unstable situation and the constant possibility of changing circumstances; the latter is grounded in the factor that legitimizes his presence in the host society, making productivity a central element for his permanence.

THE SOCIAL AND POLITICAL CONTEXT OF BULGARIA

Bulgaria, popularly known as the “land of roses”¹⁷, from its earliest formations—when its territory extended from the Balkan mountain ranges to the valleys of ancient Thrace—maintained close historical, cultural, and economic ties with Russia, Greece, Turkey, Macedonia, Serbia, Romania, Moldova, and the former Yugoslavia. Over the centuries, these regional relations contributed to shaping, fostering, or at times limiting the processes of expansion and consolidation of the Bulgarian state.

The territory that today corresponds to Bulgaria was, at different historical moments, part of the empire of Alexander the Great and later of the Roman Empire. Over time, Slavic groups migrated and settled in the region, contributing to the ethnic and cultural formation of the territory. The Bulgarian state, historically recognized as the Bulgarian Empire, was formally established in the year 681¹⁸, consolidating itself as an

organized political entity.

During the reign of Boris I in the ninth century, the official conversion to Christianity and the adoption of the Cyrillic alphabet represented fundamental milestones in the consolidation of Bulgarian cultural and religious identity¹⁹, establishing lasting foundations for the formation of the state and its literary and spiritual tradition.

“It is noteworthy that we consider the year 681 as the founding milestone of the Bulgarian state, the moment when Khan Asparukh signed with Byzantium not just any treaty, but precisely a peace treaty. Our entire foreign policy throughout the thirty-seven years of socialism constitutes a continuous effort to overcome the dangers of war and to strengthen peace. Not only in the Balkans, where our direct interests are concentrated, but also in other regions, in meetings and negotiations among representatives of more distant states and territories” (JIVKOV, 1987, p. 22)²⁰.

Since its formation in the seventh century, the Bulgarian state remained engaged in constant conflicts with the Byzantine and Ottoman Empires, seeking to secure its existence and autonomy²¹. For approximately five centuries, it remained under Ottoman rule, regaining autonomy only in the mid-nineteenth century, around 1876, with the assistance of the Russian Empire. During this period, the so-called Greater Bulgaria was constituted, and an autonomous principality was established, whose ruler would bear the title of tsar²².

A participant in the Balkan League (1912), as well as in the First World War (1914–1918) and the Second World War (1939–1945), Bulgaria consistently sought to prioritize the sovereignty of its national interests throughout these conflicts. Following the Second World War, in 1946, the country was declared the People's Republic of Bulgaria and began to experience direct interference from the Soviet Union in various social, political, and cultural spheres²³.

It is important to emphasize that the principality established in Bulgaria had faced several reprisals for being considered a fascist monarchy. Political articulations led primarily by the Bulgarian Communist Party enabled the organization of an anti-fascist insurrection in 1923, a process that culminated in the victory of the socialist revolution in 1944 and the establishment of the communist regime in 1946²⁴.

In *Contemporary Bulgaria*, Todor Zhivkov records the arguments mobilized by himself, his companions, and the Communist Party throughout the dissemination of their ideology in the country. It was not merely a matter of propagating communist theory, but of its effective implementation in all spheres of society. According to the author, by around 1987 the country had accumulated decades of experimentation with real socialism (JIVKOV, 1987, p. 25).

The measures adopted to ensure the stability of Bulgarian society were grounded in human development, the allocation of a portion of national income to investment and modernization, the commercialization of agricultural production, the implementation of technological innovations, and the guarantee of energy and raw materials (BURCHETT, 1985, p. 16). Approximately seventy-five percent of foreign trade operations consisted of exports purchased by member countries of the COMECON.

It is noteworthy that, in both Todor Zhivkov and Wilfred Burchett, the predominant interpretation presents a positive reading of the political, social, and economic aspects of the regime. In contrast, the experiences and motivations that led many Bulgarians to leave the country are not critically addressed in their works. Political persecution, economic difficulties, and limitations imposed by the governmental model constituted determining factors in the departure of part of the population.

In an interview granted by Carlos Damianof, son of the Bulgarian immigrant Zdravko Damianof, he states:

“Everything that happened during that period was influenced by the communist regime. The country’s economic situation was unfavorable due to the effects of the public policies adopted. In some ways, it resembles what is happening in Venezuela today: there is a government that determines the path to be followed; part of the population agrees, part disagrees. In order to avoid deaths, wars, and conflicts, many chose to leave the country and seek other possibilities for life” (DAMIANOF, Carlos. 2017, interview conducted via digital application).

ZDRAVKO DAMIANOF: MEMORIES AND PRESERVED REMEMBRANCES

The experiences lived and the affections shared are, perhaps, the most resilient bonds that keep an immigrant tied to their homeland. For those who departed, memory is not a static fact, but something reconstructed daily through letters, photographs, and documents. These fragments cease to be mere papers and become the pillars of identity. In the case of Zdravko Damianof—born Zdravko Kostadinov Damyanov (Здравко Костадинов Дамянов) on September 6, 1928, in the Plovdiv region—this preservation process was marked by a violent political rupture: his escape from Bulgaria in 1951 was not a simple choice, but a desperate leap for survival that transformed the lives of his entire family into a field of resistance.

Zdravko’s desertion in May 1951 was the inevitable outcome of a daily life stifled by surveillance and forced labor. Conscripted into the Bulgarian army, he was placed in the military class of the Trudovaks—the harshest category, intended for opponents of the communist regime. There, he faced the hardships of constructing strategic infrastructure, such as the Bezmer

airfield, under a regime of absolute discipline. It was within this setting of oppression that he, Spas Raikin, and Stefan Peltekov orchestrated their evasion. Under the constant risk of betrayal, the group survived weeks hiding in the Plovdiv mountains, briefly joining the Goryani—the armed resistance that inhabited the forests. Reaching the Greek border in June brought freedom, but the price was paid by those who remained: family accounts narrate the siege of their home in Plovdiv and the brutal death of his grandparents, who were beaten by authorities as direct reprisal for his “crime” of seeking the free world.

In the words of Yordan Damyanov (the letter is included in its entirety between pages 73 and 79), Zdravko was remembered as a young man of remarkable vigor, “very strong and handsome.” Yordan describes a brother of a restless spirit, who wrote and recited poems (containing criticisms of communism) even under the regime’s constant watch. The account is raw in detailing the violence Zdravko suffered before his escape: arrested and beaten several times, he would return home with his body “black and blue,” cared for by his family with fresh skins to soothe the hematomas. For those who stayed behind, Zdravko became an omnipresent absence, a figure who inhabited local songs and legends, but whose departure sealed a fate of persecution for his siblings and his mother, Stoyana, who died prematurely, consumed by the anguish of separation.

After his escape, Zdravko passed through Italy before finally crossing the Atlantic. Family accounts indicate that, during this period, an Italian man referred him to Giuseppe Franco, an entrepreneur and owner of Vigorelli in Brazil—a brand that would become famous for its classic sewing machines. Thus, upon landing on Brazilian soil, Zdravko already carried a professional referral, being hired to work at the Vigorelli factory in Jundiaí, São Paulo. It was in this city that his life took a new turn when he met Romilda, whom he married on May 5, 1956. The family grew deeper roots with the birth of their sons, Luis on October 18, 1957, and Carlos on August 21, 1961.

In the 1960s, they moved to the state capital, São Paulo, where Zdravko began working in trade, opening his own grocery store (empório) and definitively consolidating his journey on Brazilian soil.

Upon registering in the new country, his name was Brazilianized to Zdravko Damianof. He arrived in a Brazil experiencing the effervescent second government of Getúlio Vargas, a transitional period that would precede political crises, culminating years later in the military regime. Beyond the challenge of mastering a language completely different from his mother tongue, he knew that, as a political refugee, every documentary trace could be used against the relatives still living in Bulgaria. This caution, born of fear and zeal, explains the decades of documentary silence and the scarcity of preserved correspondence. Zdravko lived in São Paulo until June 21, 1987, when he passed away following a sudden heart attack.

If the reconstruction of his trajectory today finds gaps, it is because silence was, for a long time, the only possible form of protection. In this context, photographs take on an almost solemn role. They are the visual testaments of a longing that silence could not erase.

On the following pages, between 35 and 43, we present these images and the handwritten messages on their backs. They are more than photographic records; they are proof that human relationships can survive the darkness of exile. In the interviews that follow this section, Zdravko's story is narrated by his two sons: Luis and Carlos.

INTERVIEW I – PROCESSES AND EXPERIENCES OF ZDRAVKO DAMIANOF'S IMMIGRATION

Interviewee: Luis de Campos Damianof

Age at the time of the interview: 60 years (born October 18, 1957)

Date of interview: November 5, 2017

Location: São Paulo, SP, Brazil

Type of record: Transcribed oral testimony

1. What story did Zdravko Damianof tell about the period in which he lived in Bulgaria?

The Bulgarian people were oppressed by the Soviet regime. Bulgarians could not choose what they wanted to be in life and had no freedom of expression. Their possessions—homes and cars—belonged to the government; they were truly slaves of the system. My father came here because he opposed the communist regime. His motto was equality, fraternity, and freedom.

2. When did he arrive in Brazil?

He arrived in Brazil in mid-November 1950.

3. Through which countries did he pass before arriving in Brazil? Comment on the accounts of the journey.

When they fled Bulgaria, they spent approximately 30 to 45 days in the forest in order to cross the southern border into Greece. After that, they went to Italy. Upon arriving there, they split up: around eight to ten people went to the United States, and the rest came to Brazil.

4. Upon arriving in Brazil, what was his trajectory?

They arrived from Italy and disembarked at Ilha das Flores, in Rio de Janeiro. There my father met an Italian man who had contact with the owner of the Vigorelli sewing machine factory.

This friend invited him to work and to meet the industrialist Mr. Franco, who lived in Jundiaí, São Paulo. Together they went to Jundiaí to work at this factory, and there he met my mother, whom he married and with whom he had two children.

5. What activities did he carry out? What was his life like in the neighborhood?

Upon arriving at Vigorelli, the Italian friend introduced my father to the company's owner. He was hired and learned to work as a mechanic, a role he held for ten years.

6. Was Zdravko religious? Did he bring any beliefs from Bulgaria?

He met a Jewish man who was a member of Freemasonry, who introduced and recommended my father to the organization. When he came from Bulgaria, he was an Orthodox Catholic.

7. Did he ever speak about returning to Bulgaria? Did he wish to return?

He wanted to return to Bulgaria, as he had left all his family there, but not while the communist regime remained in force. When he arrived in Brazil, he did not send letters to his family because he feared reprisals.

8. Did any friends from the group reunite with your father? Did they keep in touch?

When my father moved to São Paulo, some friends who had come to Brazil also ended up moving to the city. For example, Mr. Nikola, who settled in the Brás district.

9. As the son of an immigrant, how do you view the figure of your father?

I see my father as a hero who fought for his ideals—an upright,

honest, and hardworking man. He always did what he could to provide the best for his family. And as his son, given the immigrant he was, it never caused me any problems.

10. Do you consider Brazilian immigration policies relevant or sufficient to meet the current needs of an immigrant in Brazil?

In the past, yes—the conditions in Brazil were better, because Brazil is a country that has always kept its doors open to everyone. But today the situation is very difficult here, where politicians think only about corruption. If things are bad for us, imagine for the immigrant.

11. Is there anything else you would like to add or comment on about your father?

My father was a great man—upright. He left many examples for his children and for the whole family. May God have him.

INTERVIEW II – PROCESSES AND EXPERIENCES OF ZDRAVKO DAMIANOF'S IMMIGRATION

Interviewee: Carlos de Campos Damianof

Age: 56 years (August 21, 1961)

Date of interview: November 5, 2017

Location: Jundiaí, SP, Brazil

Type of record: Transcribed oral testimony

1. What story did Zdravko Damianof tell about the period in which he lived in Bulgaria?

As far as I can remember, he was an educated man and was completing his second degree. Along with a large part of the Bulgarian population at the time, he opposed the Communist regime established in the nation during the period (1946–1991). This led them to stage a rebellion and ultimately flee the

country because they disagreed with the communist system that was in force there (in Bulgaria).

Everything that happened during that period revolved around the influence of the Communist regime. The country's economic situation was not favorable due to the effects of public policies adopted by the communist government. It was somewhat similar to what is happening in Venezuela today: there is a government determining the path the nation should follow—part of the population agrees, part disagrees. To avoid death, wars, and conflicts, many chose to leave the country and seek other possibilities in life.

2. When did he arrive in Brazil?

He arrived in Brazil in mid-1950. An interesting fact about his arrival is that he was supposed to go to the United States, but the owner of Vigorelli—a sewing machine factory operating in Jundiaí, São Paulo, where Jundiaí Shopping now stands—did not allow him to leave. The company's owner was an Italian man, Mr. Franco.

3. Through which countries did he pass before arriving in Brazil? Comment on the accounts of the journey.

According to what he reported, he left Bulgaria—fleeing the communist regime—under terrible circumstances, nearly being captured (he and his group) while still within Bulgarian territory. But they managed to escape and evade capture. From there they went to Greece, the closest country across the border. From Greece the group proceeded to Italy, and then decided to come to Brazil, disembarking in Rio de Janeiro.

How many fled? It must have been a large group. My father never mentioned an exact number—perhaps 50, 60, or even 100 people. There were probably other groups of Bulgarian refugees who took the same route before or after them.

Some of those who came to Brazil kept in touch with him. I was very young and do not remember well, but I met one or two who had fled before or after him and also chose Brazil as their destination. It must have been a significant number—people do not flee in pairs. This reflected a national situation: many disagreed with communism. Since he was serving in the army at the time, the opportunity arose and they coordinated their escape together.

I also remember, Igor, that some members of his group came to Brazil and later went on to Argentina. They maintained contact through letters or something similar.

For a long time he did not maintain contact with his family in Bulgaria because he feared that Bulgarian authorities at the time might intercept that information and subject his family to political reprisals.

4. Upon arriving in Brazil, what was his trajectory?

When he arrived in Brazil, he was brought here to Jundiaí. I believe there was some contact through friends from groups who had come before him.

He came directly to Jundiaí to meet and work with the owner of Vigorelli, Mr. Franco. After some time, he received an offer to go to the United States but ultimately declined. He was transferred to São Paulo after about 10 or 12 years. Before that, however, he met my mother here [in Jundiaí], at Vigorelli itself. They married. Shortly after the wedding he was transferred to São Paulo, to another unit of the company, to take on a managerial position in Vila Olímpia. After some time—about six or seven years—he decided to start his own business. He bought land, built a house, continued working at Vigorelli, and later opened his own grocery store and carried on with his life.

5. What activities did he carry out? What was his life like in the neighborhood?

As a shopkeeper, his activities consisted of serving customers—he was the owner of the business. He was very well known in the neighborhood because his grocery store was one of the first businesses there. According to him, the area was still full of small farms at the time. He worked in his own shop for nearly 19 or 20 years.

6. Was Zdravko religious? Did he bring any beliefs from Bulgaria?

Regarding religion, he was an Orthodox Catholic. He was not a practicing believer, but he believed in God. As for Freemasonry, over time he met people who introduced him to politicians, entrepreneurs, and other influential figures, who eventually invited him to join the organization. He attended the América Lodge in São Paulo for many years, but eventually stopped attending meetings because he felt tired.

7. Did he ever speak about returning to Bulgaria? Did he wish to return?

He mentioned that he reestablished contact with his family after several years in Brazil. It was through this contact that he learned his mother had died (between the 1960s and 1970s). I remember he was very saddened when he received that news. He communicated through letters, as over time he became less afraid that people would discover he was a political refugee.

I remember my father joking, before communism fell: “If communism ever ends in Bulgaria, I will return to my country!” But he never had that opportunity.

8. Did any friends from the group reunite with your father? Did they keep in touch?

Yes, they did get in touch. I remember he received visits at home from two or three Bulgarians who came to see him every two or three months. I believe they were part of the group that fled with him.

I also remember a very close friend of my father—an extremely respectable man—who was not Bulgarian but Jewish. My father met him here in Brazil, perhaps through Freemasonry. His name was Mr. Abraão, married to Mrs. Rosa. They were respectable, cultured, and decent people. At least once every month or two, the couple would visit my parents. They lived in downtown São Paulo and were Franco-Jewish. Over time he passed away, and my father was deeply saddened. He remained in contact with his wife, Mrs. Rosa.

9. As the son of an immigrant, how do you view the figure of your father?

As a son, I never separated myself or thought in terms of being “the son of an immigrant.” For me, my father was simply a European immigrant who came to Brazil from Bulgaria. I never experienced prejudice for being the son of an immigrant—quite the opposite. I was always respected in school, in secondary education, and later at work. When asked, I would say: “My father is European; he came to Brazil as a refugee because he opposed the communist regime in his country.”

10. Do you consider Brazilian immigration policies relevant or sufficient to meet the current needs of an immigrant in Brazil?

Look, Igor, this political consideration about immigration that you asked me about is part of our Constitution. However, we currently lack the structure to adequately support political immigrants or refugees. Just look at what is happening in the region of Roraima and Boa Vista: Venezuelans have entered our country and are now requesting political asylum after entering illegally and working as informal parking attendants. Brazilian policy, for better or worse, had to welcome them

because we are a very peaceful country. Compare this to Syria in Europe—before someone even set foot in the country, they were often shot at or prevented from entering. Here in Brazil, we are peaceful. If there is already a lack of employment for Brazilians, how can we provide jobs on a massive scale for immigrants? So it is difficult. I have nothing against them—I welcome them, I speak with them. Jundiaí is a region with many Italians. We have several business owners here who were once political refugees and who live very well alongside Brazilians. Personally, I have nothing against it, as long as we remain united.

11. Is there anything else you would like to add or comment on about your father?

To conclude, I am very proud to have been the son of a foreigner who came to this country, built his family here, and established his own business. That business supported the family and provided education for his children. I owe a great deal to my father. He always fought for his family. It is a shame he died young, at 59 or 60 years of age. I wish he were still with us today—he would tell many stories to all of us, even if they were repeated. I am very proud to have been the son of Zdravko Damianof; that is deeply meaningful to me.

FINAL CONSIDERATIONS

The intensification of Bulgarian immigration to Brazil occurred primarily during the period of the Communist regime in Bulgaria. In this context, Latin American countries, as well as Greece, Italy, and the United States, became recurrent destinations for immigrants from the Soviet bloc, attracted by industrial expansion, employment opportunities across different sectors, and migration policies that, at certain historical moments, facilitated the entry and settlement of foreigners.

Bulgarian immigrants, like other migrant groups, were confronted with the social, economic, and political conditions imposed by the host society, often structured around stereotypical representations of foreigners. The demand for productivity, labor insertion as the main means of social legitimation, the limitation of political rights, and the experience of living in a society often perceived as temporary constituted central elements in their trajectories.

Taking the experience of Zdravko Damianof as an analytical axis, it is possible to observe how the relationship between the costs and benefits of migration manifested concretely throughout his life in Brazil. Inserted into the industrial sector, he built a family, established a residence, had children, ensured the household's livelihood through work, and later founded his own business. His trajectory illustrates the path of many immigrants who, while seeking stability and social mobility, maintained symbolic and emotional ties to their country of origin. After his passing on June 21, 1987, at the age of 59, his memory remained preserved within the family sphere, reaffirming the centrality of private narratives in the construction of migratory memory.

It is important to note that the analysis developed in this research was conducted from a Brazilian perspective, in dialogue with the international context. Sources concerning the Communist regime in Bulgaria are accessible through the Bulgarian-Brazilian Society and institutions linked to the Ministry of Foreign Affairs (Consulate and Embassy); however, they are predominantly available in the Bulgarian language, which limited, at the time the research was conducted (2017), the scope and depth of the possible investigations. At that time, technological tools for automated translation capable of assisting in the conversion and interpretation of materials from Bulgarian into Portuguese with greater accuracy were not yet widely available.

In 2026, however, with the advancement of artificial intelligence-assisted translation tools, this limitation can be significantly overcome. The incorporation of such technologies allows broader access to documents, bibliographies, and records produced in the Bulgarian language, enabling critical revisions and deeper interpretative developments in future editions of this study. This expansion of the documentary corpus tends to support more complex analyses of migratory experiences, political dynamics, and the social conditions that shaped Bulgaria during the communist period.

With the aim of preserving and expanding the memory of Zdravko Damianof, a memorial website was developed in collaboration with my cousin Anna Luz Quiroz Damianof. The platform is regularly updated with documents, information, and ongoing developments of this research: www.iscreative.com.br/zdravkodamianof.

Finally, it is worth highlighting that narratives produced by authors associated with the Bulgarian Communist Party often present a positive interpretation of the period, emphasizing industrial progress, export expansion, investments in education and technology, and the economic stability resulting from integration into the Soviet bloc. However, when confronted with family testimonies and the experiences of political refugees, tensions and divergences emerge, revealing a reality marked by persecution, restrictions on freedom, and socioeconomic difficulties. A comparative analysis of these perspectives demonstrates that the benefits attributed to the regime were not equally experienced by the population, contributing to the decision of many Bulgarians to emigrate in search of security, freedom, and better living conditions.

ACKNOWLEDGMENTS

First and foremost, I give thanks to God for having guided, sustained, and strengthened me throughout the entire course of this research.

To my parents, I express my deepest gratitude for all that I am, for their unconditional support, their constant encouragement of my studies, and the essential foundation they provided for the completion of this academic journey.

To my friends João Guilherme, Jorge, Lucas Lourenço, Lucas Nascimento, and Stephanie, I am grateful for their companionship, friendship, and for helping make my undergraduate years especially meaningful.

To Professor Dr. Fabiana Beltramim, I extend my thanks for her careful guidance, commitment, and dedication throughout the development of this research.

To all those who, in different ways, contributed directly or indirectly to the realization of this work and to my academic and personal formation, I record my heartfelt acknowledgment.

In memoriam: Zdravko Damianof (1928–1987).

BIBLIOGRAPHY

ALVIM, Zuleika. “Imigrantes: A vida privada dos pobres do campo.” In: NOVAIS, Fernando Antonio; SEVCENKO, Nicolau (eds.). *República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 215–288. (*História da Vida Privada no Brasil*, vol. 3).

BELTRAMIM, Fabiana. *Entre o Estúdio e a Rua: a trajetória de Vincenzo Pastore, fotógrafo do cotidiano*. São Paulo, 2016.

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BLOM, Philipp. Ter e manter: uma história íntima de colecionadores e coleções. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BOURDIEU, Pierre. "A ilusão biográfica." In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína Passos (eds.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998, pp. 183–191.

BROWN, Archie. Ascensão e queda do comunismo. Rio de Janeiro: Record, 2010.

BURCHETT, Wilfred. Bulgária: passado, presente e futuro. São Paulo: Editora Novos Rumos, 1985.

CHEVALIER, Sophie. "Uma sociedade em mudança: antropologia de uma 'transição' na Bulgária." Vol. 7, no. 15, pp. 37–55, 2001.

DAMIANOF, Carlos. Interview granted to Igor Leme Damianof. Jundiaí, November 2017. Personal archive.

DAMIANOF, Luis. Interview granted to Igor Leme Damianof. São Paulo, November 2017. Personal archive.

Grande Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Larousse Cultural, 1995. Vol. 4, pp. 984–986.

JIVKOV, Todor. Bulgária Contemporânea. 2nd ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1987.

LEITE, Miriam Moreira. Retratos de família. São Paulo: EDUSP, 1993.

SALGADO, Plínio. O Estrangeiro. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

SAYAD, Abdelmalek. A imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: EDUSP, 1998.

Family Damianof Archive: Photographs of the life of Zdravko Damianof, personal documents, and certificates.

NOTES

3. The perception of the immigrant figure involves both how they are viewed by the host society and how they construct their own identity within the migratory context.

4. The "illusions" mentioned by Sayad refer to socially and historically constructed expectations surrounding immigration, both on the part of receiving societies and immigrants themselves.

5. The relationships of cause and advantage in immigration are linked to migration policies and to the economic, social, and cultural dynamics that shape human mobility.

6. ALVIM, Zuleika. "Imigrantes: A vida privada dos pobres do campo." In: NOVAIS, Fernando Antonio; SEVCENKO, Nicolau (eds.). República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 216.

7. ALVIM, Zuleika. "Imigrantes: A vida privada dos pobres do campo." In: NOVAIS, Fernando Antonio; SEVCENKO, Nicolau (eds.). República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 216–217.

8. SALGADO, Plínio. O Estrangeiro. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936, p. 49.

9. SALGADO, Plínio. O Estrangeiro. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936. (Reference mobilized as a literary framework of

the period and of its social representations of the foreigner.)

10. When the author uses the term “she,” it refers to modernity.

11. Grande Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Larousse Cultural, 1995, vol. 4, pp. 984–986.

12. “Moreover, a system ceasing to be Communist is not exactly the same as a system becoming a democracy.” Cf. BROWN, Archie. *The Rise and Fall of Communism*. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 630.

13. Zdravko Damianof (1928–1987) was a Bulgarian immigrant who lived in Brazil for 38 years. His story is narrated by his two sons, Luis and Carlos Damianof, and by his wife, Romilda Damianof. In 1951, Zdravko left Bulgaria as a fugitive, seeking better living conditions and prospects elsewhere due to the communist regime. Before arriving in Brazil, he passed through Greece and Italy.

14. SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998, p. 11.

15. *Ibid.*, p. 46.

16. *Ibid.*, p. 18.

17. Bulgaria is often referred to as the “land of roses” due to its historical production of rose oil, especially in the Valley of Kazanlak.

18. Grande Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Larousse Cultural, 1995, vol. 4, pp. 984–986.

19. Grande Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Larousse Cultural, 1995, vol. 4, pp. 984–986.

20. JIVKOV, Todor. *Bulgária Contemporânea*. São Paulo: Alfa-Omega, 1987, p. 22.

21. Grande Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Larousse Cultural, 1995, vol. 4, pp. 984–986.

22. Grande Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Larousse Cultural, 1995, vol. 4, pp. 984–986.

23. JIVKOV, Todor. *Bulgária Contemporânea*. São Paulo: Alfa-Omega, 1987. (Historical contextualization of the period beginning in 1946 and of the state formation under Soviet influence.)

24. JIVKOV, Todor. *Bulgária Contemporânea*. São Paulo: Alfa-Omega, 1987. (Reference for the political framework of the period and the articulations of the Bulgarian Communist Party.)

Igor Leme Damianof é historiador, curador e produtor cultural. Formado em História pela Universidade de Santo Amaro (UNISA), pós-graduado em Arte, Crítica e Curadoria pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Gestão de Projetos pela Fundação Instituto de Administração (FIA). Atua na estruturação de projetos culturais, artísticos e de impacto social.

Ao unir o rigor da pesquisa à sensibilidade de seu repertório em design, Igor deu vida a este projeto de forma inteiramente independente através da Is Creative Edições. Mais do que um resgate documental, esta obra nasceu como uma homenagem profundamente pessoal e um diálogo atemporal com seu avô, Zdravko Damianof.

Igor Leme Damianof is a historian, curator, and cultural producer. He holds a degree in History from the University of Santo Amaro (UNISA), a postgraduate degree in Art, Criticism and Curatorship from the Pontifical Catholic University of São Paulo (PUC-SP), and a postgraduate degree in Project Management from the Foundation Institute of Administration (FIA). He works on structuring cultural, artistic, and social impact projects.

By combining the rigor of research with the sensitivity of his design background, Igor brought this project to life entirely independently through Is Creative Edições. More than a documentary rescue, this work was born as a deeply personal tribute and a timeless dialogue with his grandfather, Zdravko Damianof.

Historicamente, a Bulgária constituiu-se como um Estado que buscou priorizar a soberania de seus interesses e manter laços históricos, culturais e econômicos com países vizinhos, especialmente aqueles que integravam a União Soviética e seu bloco de influência. Torna-se relevante compreender os processos que impulsionaram a imigração de cidadãos búlgaros para os Estados Unidos, a Grécia e outros países entre 1946 e 1991, período marcado pela consolidação e atuação do regime comunista em sua estrutura político-social. A partir da análise da trajetória migratória de Zdravko Damianof, observa-se que a intervenção do regime comunista exerceu impactos significativos no desenvolvimento da Bulgária, em seus aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais. Tal contexto configurou-se como fator determinante para a intensificação dos fluxos migratórios, motivando, em muitos casos, o deslocamento de indivíduos que não compactuavam com o regime vigente ou que buscavam melhores condições de vida fora do país.

Historically, Bulgaria sought to prioritize the sovereignty of its interests while maintaining historical, cultural, and economic ties with neighboring countries, particularly those within the Soviet Union's sphere of influence. Understanding the processes that led Bulgarian citizens to migrate to the United States, Greece, and other countries between 1946 and 1991 is essential, especially in a period marked by the consolidation of the communist regime and its influence on the country's political and social structures. Based on the analysis of Zdravko Damianof's migratory trajectory, it is possible to observe that communist intervention had significant impacts on Bulgaria's political, economic, social, and cultural development. This context became a determining factor in the intensification of migratory flows, often motivating a form of migratory "exodus" among individuals who did not align with the prevailing regime or who sought improved living conditions abroad.

ISBN 978-65-979274-3-2



IS CREATIVE EDIÇÕES